

IMPRESSO

CPMTRATP Nº 3956791  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

L . E . T . U . R . A . S

Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Ano II - Nº 15

Suplemento Cultural  
Maio/junho/1995

*Yes,  
nos temos  
cinema*

*✓ 100 anos*

*Zuléka, a formiga sapeca*



# Nesta Edição



## Páginas de..... 4 a 7

Entrevista com o cineasta Vladimir Carvalho e o animador cultural José Da Mata.

## Páginas ..... 8 e 9

O pesquisador Renato Vivacqua nos fala sobre as musas da Música Popular Brasileira.



## Páginas de..... 10 a 12

Joanyr de Oliveira nos relata o trabalho que vem realizando sobre os poetas de Brasília.

## Página ..... 13

Lima Barreto é lembrado em um artigo do leitor Jorge Nunes.

## Páginas de..... 14 a 16

O Teatro Experimental Negro completa 50 anos de criação. O texto é do jornalista Fernando Marques.

## Página ..... 17

Vander Batista nos conta como é uma viagem de ônibus até o Gama, cidade-satélite do DF.

## Páginas ..... 18 e 19

O DF-Leis nos conta um pouco da história da Câmara Legislativa do Distrito Federal.

## Páginas ..... 20, 21 e 22

O psicólogo Ézio Bazzo escreve sobre a velha questão da vida e da morte.

## Página ..... 23

Jacinto Guerra nos conta uma crônica bem humorada sobre passaros.

## Página ..... 24

O Lago Paranoá, em Brasília, é nosso irmão, segundo o cronista Laudo Braga.

## Páginas de..... 25 a 28

A poesia se faz presente para alegria dos poetas.

## Página ..... 29

Lançamentos literários.

## Páginas ..... 30 e 31

Cartas dos nossos leitores.



## Páginas ..... 32 e 33

A formiga Zuléka comparece para animar a criançada.

## Página ..... 34

Espaço destinado aos cartunistas.

## Página ..... 35

Uma ensaio fotográfico sobre o abandono das crianças de rua.

# Expediente

Suplemento Cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal. Editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência com a colaboração da Coordenadoria de Comunicação Social e Assessorias de Imprensa dos gabinetes parlamentares.

**Vice-Presidente:** José Emar Cordeiro

**Chefe de gabinete:** Reinaldo Mendes

**Coordenador de Editoração e**

**Produção Gráfica:** Nelson Pantoja

**Editor DF-Letras:** Chico Nóbrega

**Programação Visual:** Marcos Lisboa

**Projeto Gráfico:** Claudio Gardin

**Fotografia:** Carlos Gandra, Fábio

Rivas e Sílvio Abdon

**Revisão:** Luis Rocha e Chico Nóbrega

**Capa (foto):** Sílvio Abdon

**Chefe da Seção de Editoração:**

João Francisco Neto

**Equipe:** Ana Caçador, Antônio

Eufrauzino, Apolo Guandalini, Cláudio

de Deus, Cláudio Gardin, Francisco

Dino, Francisco Nóbrega, Hélio Araújo.

Antônio de Brito, José C. de Sousa, Luci

Furtado, Marcelo Perrone, Marcos

Lisboa, Margarete de Cassia, Nelci Stein,

Sebastião Peres e Luis Rocha

**Chefe da Seção de Produção**

**Gráfica:** Randal Martins Junqueira e

equipe

**Coordenador de Modernização e**

**Informática:** Gilberto Santos e equipe

**Coordenador de Comunicação**

**Social:** César Borges e equipe

Os autores das matérias

publicadas não recebem qualquer

valor pecuniário e são de sua inteira

responsabilidade o conteúdo das

mesmas

Impressão: Gráfica da CLDF.

### Composição da Câmara Legislativa do Distrito Federal Mesa Diretora (biênio 95/96).

Geraldo Magda Presidente	Adão Xavier Antônio José (Cafu) Benício Tavares
José Emar Vice-presidente	César Lacerda Jorge Cauhy João de Deus
Manoel de Andrade 1º Secretário	Lúcia Carvalho Luíz Estevão Maria José (Maninha)
Edimar Pireneus 2º Secretário	Marco Lima Marcos Arruda Miquéias Paz
Peniel Pacheco 3º Secretário	Odilon Aires Renato Rainha Rodrigo Rollemberg
Suplentes Cláudio Monteiro Daniel Marques	Tadeu Filippelli Zé Ramalho

DF-Letras/Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal  
Redação SAIN - Parque Rural Norte  
70 086.900 - Brasília-DF  
Tel.: (061) 348 8961

# Ousadia



*"DF-Letras", suplemento cultural da Câmara Legislativa, a cada edição consolida-se como referência de leitura no Centro-Oeste, especialmente no Distrito Federal, e em todo o restante do País. Com cinco mil exemplares é o único veículo de comunicação distribuído em toda rede pública de ensino de Brasília e das cidades-satélites. Um exemplo, sem dúvida, a ser seguido pelas demais unidades da Federação. Sua receptividade é incontestável: as milhares de cartas que recebemos confirmam essa assertiva. Em seu novo formato – mais leve, mais fácil de ser digerido, em estilo revista – o "DF-Letras" inova também em seu campo editorial, adotando uma nova concepção gráfica, ampliando, assim, seu raio de ação para cumprir, entre outras metas, a missão precípua de informar. Neste número, numa ousadia editorial, lança a história em quadrinhos "Zuléka, a formiguinha sapeca", para atingir uma nova faixa etária, entre 5 a 14 anos, com nuances didático-pedagógicas sobre a cidadania, um tema hoje tão atual. Ressalte-se a preocupação com a linguagem, acessível e de fácil assimilação. O trabalho foi inteiramente concebido e desenvolvido por nossa equipe editorial. Novo número, novo formato, novas idéias. De ousadia em ousadia, o "DF-Letras" imprime em suas páginas o espírito da Câmara Legislativa do Distrito Federal que, ousada, não hesita em divulgar a cultura do nosso povo*

**Nelson Pantoja**

Coordenador de Editoração e Produção Gráfica



# Vladimir Carvalho, CONTERRÂNEO velho de guerra

**N**este ano de 1995, o mundo todo está comemorando os cem anos de invenção do cinema. Não propriamente a "invenção" do Cinematógrafo, mas a primeira exibição de um filme com a cobrança de ingressos ao público.

O mérito ou a esperteza coube aos irmãos Lumière que patentearam o invento que iria atrair multidões nas grandes cidades e que passou à história como a sétima arte.

Já em 1896, o "Jornal do Comércio", de 8 de julho, anunciava aos incrédulos leitores que o *Omniographo* que tanto sucesso teve em Paris agora estava disponível aos brasileiros, com exibição marcada para o dia seguinte em uma certa casa na rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro. Chegava ao Brasil a primeira diversão de massa da era industrial.

Cem anos de cinema. O "DF-Letras" não poderia deixar passar em branco este marco na cultura do homem moderno. Procuramos ouvir duas pessoas que fazem cinema de maneira diferente: um cria e filma e o outro leva este produto acabado aos mais diferentes pontos do Distrito Federal. Trata-se do cineasta Vladimir Carvalho, radicado em Brasília há 25 anos e um dos documentaristas mais premiados pela crítica especializada do País. O outro é o conhecidíssimo Da Mata, criador do cinema-voador que leva filmes para serem exibidos nas periferias do Distrito Federal, além de ter criado o festival do gramado, uma alusão bem humorada ao festival de Gramado, no Rio Grande do Sul.

Vladimir Carvalho tem, entre mais de 20 filmes realizados, obras do quilate de "O País de São Saruê", "O Homem de Areia", "O Evangelho Segundo Teotônio" e "Conterrâneos Velhos de Guerra". Da Mata, por sua vez, foi durante 8 anos o programador cinematográfico do cine Brasília, fundou o cine clube Nelson Pereira dos Santos e é o programador das salas da Cultura Inglesa e Cultura Hispânica.



**DF-Letras - Quem influenciou o cineasta e documentarista Vladimir Carvalho a dar início a sua carreira?**

**Vladimir Carvalho** - Como todo mundo eu era um espectador de cinema. Na adolescência a coisa se intensificou muito mais. A minha cabeça era feita pelo cinema americano, musicais, faroestes e posteriormente o neo-realismo italiano. Mas numa ocasião apareceu em Recife um crítico de cinema do Rio de Janeiro chamado Jonald que trazia para exibição uma coleção de filmes clássicos e no meio deste material tinha um documentário longa-metragem chamado o "Homem de Aran", de Roberto Flaret. Aí eu descobri que além do filme de ficção tinha o documentário. Aquele filme me apaixonou porque era feito sem atores, sem um roteiro elaborado contando uma determinada história com os clássicos casais, mocinhos, etc. O filme me prendeu, foi um impacto, era o homem lutando com a natureza hostil. A partir daí eu comecei a pensar em fazer cinema igual aquele.

**DF-Letras - Qual foi o seu primeiro trabalho propriamente dito em cinema?**

**VC** - Logo em seguida, o Luis Duarte Noronha me convidou para escrever o roteiro do documentário "Aruanda", do qual eu fui também assistente. "O Homem de Aran" foi a minha estrada de Damasco. A grande revelação do cinema para mim foi a partir daquele documentário inglês. Tanto é que eu homenageio 28 anos depois esse título. Eu fiz um filme sobre a Revolução de 30 e até inconscientemente eu o chamei de "Homem de Arcaia", que lembra sozamente o "Homem de Aran".

*"A grande revelação do cinema para mim foi a partir do documentário inglês O Homem de Aran"*

*"Brasília foi uma super produção bancada por Juscelino Kubitschek, com roteiro de Lúcio Costa e direção de Oscar Niemeyer"*

**DF-Letras - Depois da experiência em "Aruanda" você partiu para fazer seus próprios documentários?**

**VC** - Eu e João Ramiro Melo fizemos "Os Romeiros da Guia", o primeiro filme meu, um documentário sobre uma romaria no litoral da Paraíba. Enquanto o Ramiro foi para o Rio de Janeiro montar o filme eu fui para Bahia onde estava surgindo um movimento forte de cinema. Lá entrei na Faculdade de Filosofia onde convivi com os grandes nomes da cultura baiana, tais como Caetano Veloso, Carlos Nelson Coutinho, entre outros. Eu



vivi toda aquela efervescência cultural dos baianos.

**DF-Letras - Você andou envolvido com as Ligas Camponesas nos idos de 1964?**

**VC** - Eu cobri como jornalista para um Jornal do Rio, no Nordeste, a questão das Ligas Camponesas. Conheci de perto o João Pedro Teixeira e D. Elisabete, enfim os protagonistas desta tragédia histórica, o massacre de João Pedro, seu fuzilamento pelo latifúndio.

O Eduardo Coutinho soube que eu fazia cinema e tinha conhecimento da Ligas e em função disso ele me convidou para assistente do filme "Cabra Marcado para Morrer". Fui para Vitória de Santo Antão, em Pernambuco. Quando filmávamos fomos surpreendidos pelo golpe militar de 64. Tivemos que nos refugiar no mato. Uns conseguiram fugir clandestinos para o Rio. Eu fiquei dando cobertura para D. Elisabete para que as forças de repressão não a prendesse. Depois de colocá-la a salvo eu fui para o Rio de Janeiro. Lá, ainda com o Eduardo Coutinho eu trabalhei em dois filmes do Arnaldo Jabour, o "Rio Capital do Cinema" e "Opinião Pública".

**DF-Letras - Como você encontrou Brasília no seu caminho?**

**VC** - Foi em 1970. O Fernando Duarte me convidou para fazer em Brasília um Centro de Produção de Documentários, tendo como grande tema o Planalto Central, o Centro-Oeste e Brasília. Vim com um contrato de dois meses para trabalhar na Universidade de Brasília para fazer filmes. Era um ardil do Fernando, na verdade ele queria que eu iniciasse o curso de cinema na UnB, dando aula num curso de verão e o resultado é que eu fui ficando e hoje já tenho 25 anos de Brasília.

**DF-Letras - O cinema brasileiro sempre conviveu com crises, mas durante o governo Collor a coisa extrapolou. Foi um golpe duro no cinema nacional. Esse trauma já foi superado?**

**VC** - O Collor de Melo praticou uma política de terra arrasada. O Cinema foi uma das vítimas, como as artes de um modo geral.

O Collor foi uma espécie de praga do Egito para o cinema brasileiro, porque associado a ele houve um secretário de

## "O Pólo de cinema e vídeo foi criado em bases irreais"

Cultura que se encarregou de soterrar essa atividade. Fez a extinção completa da Embrafilme, do Conselho Nacional de Cinema e da Fundação do Cinema Brasileiro, que funcionavam para financiar a produção, fazer cumprir as leis e fiscalizar as bilheterias dos cinemas. Tínhamos um esquema montado e funcionando. Hoje isso inexistente. Isso foi uma coisa criminosa colocada pelo governo Collor.

Agora, há alguns meses atrás é que o cinema brasileiro começa a dar sinais de vida. Está havendo uma ressurreição do cinema brasileiro com a produção de filmes tais como Lamarca, Carlota Joaquina, A terceira Margem do Rio, o Calor da Pele, do Pedro Jorge de Castro, daqui de Brasília, entre outros. Mas isso deve ser respaldado por uma legislação atualizada e pela aplicação das já existentes, vindo aí não só a questão do cinema, mas da produção dos audiovisuais. É preciso que a Lei Rouanet seja efetivamente aplicada, que os empresários participem e os poderes públicos e as televisões também.

**DF-Letras - O Seu último filme foi "Conterrâneos Velhos de Guerra", rodado aqui mesmo em Brasília. Como foi feito esse trabalho?**

**VC -** É um filme que é uma espécie de revisão histórica do fenômeno de Brasília. A cidade é tida como uma grande epopéia no bojo do período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Foi uma super produção bancada por JK, com roteiro de Lúcio Costa e direção de Oscar Niemeyer.

Mas Brasília não foi só isso. E eu tive a pretensão com meu filme de repor a verdade histórica mostrando que houve um grande sacrifício da coletividade que veio construir a Capital Federal. Não houve esse reconhecimento. Eu tentei recompor

essa história mostrando que Brasília teve um contingente de gente vindo de fora, principalmente de nordestinos fugindo da seca e do subdesenvolvimento, buscando melhora de vida, mas muitos deles encontraram a morte.

Em duas horas e quarenta e oito minutos eu narro uma história onde o núcleo/metáfora foi um massacre ocorrido em 1959, em plena construção de Brasília, no acampamento da construtora Pacheco Fernandes, onde ninguém sabe quantos morreram, uma verdadeira chacina. O filme mostra depoimentos de pessoas que confirmam a chacina e que são contraditórios entre si. Um fala em 40 mortes, outros 50, 100, 200 e até 500 vítimas. O povo aumenta mais não inventa. A verdade é que o fato aconteceu. Como o filme não é uma investigação policial eu apenas levantei o fato, cabe

*"Estou fazendo um desafio aos Poderes Públicos e aos empresários para que eles se sensibilizem para a criação da Cinemateca Nacional de Brasília"*

aos pesquisadores sociais, historiadores uma conclusão a respeito desse assunto.

**DF-Letras - E o Pólo de Cinema e Vídeo de Brasília tem contribuído para a produção de filmes na cidade?**

**VC -** A idéia é da classe, encampada pelo Governo Roriz, mas em bases irreais. Era muito mais parte do marketing político dele. Mas isso resultou no parto da montanha. Co-financiaram alguns filmes ou partes deles. Isso só teve o mérito de promover o Governo Roriz em detrimento do próprio cinema. Agora, estamos tentando reativar o Pólo em bases realistas.

O Pólo deverá produzir filmes para serem exibidos nas escolas com o apoio dos poderes públicos e do empresariado utilizando a Lei Magela.

**DF-Letras - Você vem fazendo um trabalho de preservação da memória do cinema de Brasília. Como vai indo este projeto?**

**VC -** Em 25 anos de atividades em Brasília eu coletei e juntei tudo que se referia ao cinema brasiliense. Documentos, fotografias, os meus próprios filmes, de forma que eu resolvi formalizar a criação de uma Fundação chamada Cinememória. Por enquanto eu estou implementando o funcionamento jurídico da entidade.

Paralelamente a isso, eu considero que no ano em que o cinema faz 100 anos, Brasília é Patrimônio Cultural da Humanidade, mas nós não temos ainda a nossa cinemateca. Então, a Fundação Cinememória é a semente que poderá se transformar na Cinemateca Nacional de Brasília. Para isso eu estou fazendo um desafio aos poderes públicos, aos empresários para que eles se sensibilizem por essa iniciativa.



# CINEMATÓGRAFO

## Cinema invade as ruas e praças

Baiano de Barreiras, a 600 Km de Brasília, José Da Mata, mais conhecido como Da Mata, se diz um apaixonado pelo cinema desde a sua adolescência "no velho cine Roma", quando assistia aos clássicos da sétima arte, incluindo também a nossa chanchada. Vindo para Brasília tratou logo de fundar cine-clubes, começando pelo CEMAB, em Taguatinga. Depois o cine-club Nelson Pereira dos Santos que, na sua fase mais atuante, funcionava no auditório da Escola Parque 306/7 Sul.

Programador experiente, Da Mata partiu para um projeto ambicioso. Levar o cinema aonde o povo está: nas ruas e praças. "Ao contrário do Bispo Edir Macedo, da Igreja do Reino de Deus, que está invadindo as salas de exibições de filmes e deixando as praças, o cinema-voador faz com que o cinema deixe as salas para ganhar as praças", afirma Da Mata.

Da Mata considera um crime o fechamento de salas de exibições nas cidades do interior do Brasil. De um lado, ele culpa o poder de penetração da televisão, do outro o alheamento dos poderes públicos para com a cultura do povo. "A população do interior fica refém da TV. São 6 novelas diárias só em um canal. A lesão cultural é sem retorno", garante.

**Cinema-voador** – O cinema-voador foi montado em um ônibus, equipado com um projetor de 35 mm, com lâmpada Xenon, último modelo de projeção com mil watts de som,



No Festival do Gramado as pessoas se sentam sobre a grama para assistir filmes de qualidade ao ar livre



**“ Tem gente que nunca viu um filme e fica curioso achando que aquilo é mágica ”**

dando qualidade perto da perfeição, com uma tela de 13 por 6 metros. Pode-se assistir a um filme a 70 metros de distância.

Segundo Da Mata, o cinema antes de ser literatura, poesia e música, ele é audiovisual. "Se você não trabalhar bem esses dois elementos não adian-

ta. Se não o povo vai embora. Se você chega na rua e não ouve o som do filme direito, a tendência é você sair e ir embora. Por isso o cinema-voador tem qualidade e uma programação adequada para cada população".

O cinema-voador já se apresentou em todas as cidades-satélites de Brasília, além de apresentações em Barreiras e Salvador e na cidade mineira de Unaí. O cinema-voador também vai a bares, como é o caso do Beirute, na 109 sul, quando é apresentado o Festival do Gramado, uma homenagem ao outro festival de mesmo nome no Rio Grande do Sul.

Outro projeto em desenvolvimento é o quadra a quadra, com patrocínio do Banco de Brasília (BRB). Serão exibidos dois festivais por mês em duas quadras diferentes do Plano Piloto e das satélites. É a volta do cinema. Fazer cultura é tão importante quanto colocar postes na rua. "Os nossos homens públicos precisam entender isto", afirma Da Mata.

# MUSAS

## Uma paixão dos brasileiros

**César Lacerda PRN**



*A mobilização feita por repentistas e cordelista em 1986, fez o GDF construir, em Ceilândia, a Casa do Cantador do Brasil. Projetado por Oscar Niemeyer, esse espaço tinha por objetivo atender prioritariamente a cultura popular nordestina.*

*Esses artistas lutaram sozinhos pela construção daquela Casa. Agora, a Secretaria da Cultura quer entregá-la ao abandono e à ambição de grupelhos de pseudo-artistas, que são incapazes de viver sem as benesses oficiais, e que por isso, atuam como sanguessugas do trabalho e do mérito alheio.*

**Zé Ramalho PDT**



*A Cultura é a memória viva de um povo. Por isso mesmo, temos que aplaudir iniciativas como a nova versão da Lei de Incentivo à Cultura, que elevou de 2% para 5% o limite de dedução no imposto de renda às empresas que investirem na área e ainda a extensão desses benefícios a instituições de pequeno e médio porte.*

*Os brasileiros não podem perder essa oportunidade única para aprimorar a parceria entre governo e iniciativa privada na área cultural, colocando em prática linhas mestras da política de investimentos no setor.*

■ Renato Vivacqua

O brasileiro é vidrado em musas. Já se tornaram figurinhas fáceis. Quase toda a semana espouca uma na mídia. Temos as musas do verão, a musa da bossa-nova, a do Tropicalismo, musa do escândalo colorido, das Diretas Já, musa do impeachment. A passarela mitológica é imensa. E a musa da Música Popular Brasileira? Qual a mulher que mais inspirou nossos poetas populares e que mais desfilou nas letras das canções brasileiras? Leila

Diniz? Luz del Fuego? Elis? Marta Rocha? Greta Garbo? Marilyn Monroe tão comentada após trinta anos de sua morte? Nada disso. Todas foram lembradas em poucas e desenxabidas obras. Quem fascinou os compositores brasileiros foi uma francesinha que o cinema lançou em 1956: Brigitte Bardot. Tornou-se a deusa moderna dos prazeres sonhados, galvanizando os homens e provocando muxoxo das mulheres. Nós tupiniquins ficamos em estado de graça por algumas deferências conosco. Andou passando temporada em Búzios e namorou um jogador de basquete do Flamengo. Seu ar de menina desprotegida, o despojamento, a bundinha empinada enfeitou a todos como musa unânime. Na minha seara, a MPB, brilhou sem concorrentes. Em 1959 já era entronizada na vitrine do Carnaval carioca por Haroldo Lobo e Milton de Oliveira:

“Que bom que eu vou ser pai –  
E o papai vai ser vovô –  
Se for homem eu vou botar meu nome –  
Se for mulher é Brigitte Bardot.”

Nos festejos de 61 novamente é lembrada por Miguel Gustavo:

“Brigitte Bardot –  
Bardot –





O brasileiro é doido por musas e elas povoam os seus sonhos eróticos em cada estação do ano

Brigitte beijou, beijou –  
Lá dentro do cinema todo mundo se afobou –  
BB BB BB –  
Por que será que todo mundo olha tanto pra você.”  
Em 1963 lá estava: “Onde Brigitte estiver eu vou –  
Brigitte estiver em Roma, em Paris, Miami, Honolulu –  
Quero Brigitte em Copacabana De biquini, boa pra chuchu.”  
As comparações eram inevitáveis, como mostram J.Jr e Oldemar Magalhães: “De Frente a cara da Lolô –  
De costas o jeito de Bardô –  
Faz da rua passarela –  
Que pena não ser o dono dela.”  
Como carioca é capaz de dizer “disgusting” até para o Príncipe Charles, tinha que surgir alguém do contra. A dupla Vicente Longo e Waldemar Camargo:  
“Receita para bom Carnaval –  
É a morena, produto nacional –  
Não é a Lolô nem a Bardot de Paris –  
Você morena, que faz meu Carnaval feliz.”  
Em tempo: Lolô é Gina Lolobrigida, boazuda italiana, que também andou incendiando corações. Juca Chaves fez uma opção insólita:  
“Adeus País Tropical –  
Adeus Brigitte Bardot  
Caviar já me enjoou –  
Vou viver no Piauí.”  
Amado Regis e Rangel Silva cantam o desagravo:  
“Você foi a mais graciosa –  
Do strip-tease mundial (?) –  
Vem brincar comigo –  
Brigitte, o nosso carnaval.”  
Em 1968 comparece ao “Casamento do Roberto”, de Mafsa, Elzo Augusto e Analídia:  
“Roberto Carlos vai casar –  
A Candinha me falou –  
Que o padrinho vai ser o Chacrinha –

E a madrinha Brigitte Bardot.”  
Luiz Wanderley e José Batista lançaram o “Rock da Brigitte”, meio obcecado:  
“Eu só gosto da Brigitte –  
Eu só gosto da Brigitte Bardot –  
Só vou ao cinema se a fita é francesa –  
E a estrela é a Brigitte Bardot.”  
Dicró mostra-se anfitrião de personalidades:  
“E muita gente famosa –  
Visitou meu barracão –  
Meu compadre Frank Sinatra –  
Brigitte Bardot –  
E um tal de James Brown.”  
A colagem de Caetano lançou um obus no peito dos conservadores:  
“Em caras de presidentes –  
Em grandes beijos de amor –  
Em dentes, pernas, bandeiras –  
Bomba e Brigitte Bardot.”  
Tomzé chega a ser amargo em seu canto:  
“A Brigitte Bardot está ficando velha –  
Envelheceu antes de meus sonhos –  
E a Brigitte Bardot agora está ficando triste –  
E sozinha –  
Será que algum rapaz de vinte anos vai telefonar –  
Na hora exata em que ela estiver –  
Com vontade de se suicidar?”  
Mas nem tudo está tão cinza. Paulo Ricardo e Luiz Schiavon ainda a desejam em 1986:  
“Não sei se é caça ou caçadora –  
Se é Diana ou Afrodite –  
Se é Brigitte –  
Stephanie de Mônaco –  
Aqui estou a seu inteiro dispor.”  
Realmente é muito difícil imaginar tal musa com tantos fiéis adoradores, hoje uma vetusta senhora com papadas, rugas e pneuzinhos nos flancos. Pouco importa, sua luz continua em sua cruzada mundial de preservação animal. Eterna Euterpe.

Renato Vivacqua é historiador da música popular brasileira e morador de Brasília



Marco  
Lima  
PT

Defendo a criação de uma TV a Cabo para transmissão de programas educativos e culturais pelo Governo Cristovam Buarque e pela Câmara Legislativa. A lei que regulamentou as tevês a cabo concede um canal para os Executivos e Legislativos estaduais. Portanto, nada mais saudável do que a utilização de novas tecnologias para se democratizar o saber, a ciência, a cultura, cursos, seminários, debate e palestras, durante 6, 10, 18 ou 24 horas do dia, bem como o dia-a-dia da Câmara Legislativa. Empresas que atuam no setor como, por exemplo, a TVA e a NET podem formar boas parcerias conosco



Geraldo  
Magela  
PT

As escolas precisam dar mais ênfase à educação ambiental. Só assim será possível salvaguardar as nascentes. No dia em que a preservação ambiental constituir-se num valor de nossa cultura, a sociedade não vai permitir o uso indiscriminado de agrotóxicos, o lançamento in natura de esgostos, as drenagens urbanas a montante das captações. Estas práticas desaparecerão, porque a sociedade as rejeitará.

**Odilon  
Aires  
PMDB**



*O Pólo de Cinema do Distrito Federal foi uma idéia auspiciosa. Mas, nesse velho Brasil, tudo termina rápido, não passa de uma efeméride. Vimos com uma ponta de satisfação o nascimento desse centro produtor, que consagraria a velha e badalada frase de Glauber Rocha: "uma câmera na mão e uma idéia na cabeça". Com a mudança de governo tudo ficou incerto. Não sabemos como será a continuidade desse projeto. Seria bom que a classe se levantasse e cobrasse uma definição para o centro, especialmente os moradores de Sobradinho, onde o mesmo foi implantado.*

**Renato  
Rainha  
PL**



*Brasília é notadamente um dos locais do País onde a cultura, a cada dia que passa, revela talentos nos seus mais diversos segmentos. Isso, contrariando todas as expectativas, pois não existe nenhum tipo de incentivo aos que desenvolvem atividades culturais. Acredito ser necessária uma atuação firme por parte do Governo no sentido de criar estímulos aos diversos projetos culturais que se fazem presentes no Distrito Federal.*

# Poetas e Poesias de Brasília

*(Prefácio a antologia em preparo, em que se reúnem mais de 50 poetas, entre os quais Afonso Félix de Sousa, Aglaia Souza Anderson Braga Horta, Antonio Carlos Osório, Astrid Cabral, Cassiano Nunes, Fernando Mendes Vianna, João Carlos Taveira, José Geraldo,*

*José Godoy Garcia, José Santiago Naud, Lina del Peloso, Maria de Lourdes Teodoro, Oswaldino Marques, Rumen Stoyanov, Wilson Pereira e outros, entre os quais alguns dos nomes mais representativos das novas gerações)*

**Joanyr de Oliveira**



**“ Vou-me embora para Brasília,  
sol nascido em chão agreste.  
Como quem vai para uma ilha.  
A esperança mora a Oeste. ”**

**Cassiano Ricardo**

**D**esde os primórdios de Brasília, quando o livreiro Francisco Scartezini Filho confiou-me a organização de uma coletânea de autores residentes na cidade, a qual veio a lume em 1962, tenho enfileirado poemas em livros, com o propósito de documentar o trabalho dos nossos poetas. Fascinou-me a tarefa, mau grado o ônus dela decorrente, os desafios que apresenta, e então me propus editar antologias de cenais em que, também, se fosse consignando a presença de quantos se mantivessem fiéis à poesia e à cidade. Uns poucos renunciaram à lira; outros tantos, compulsoriamente ou não, à condição de “brasilienses”, convocados que foram por circunstâncias várias a retornar aos pontos de origem ou a transferir-se para outros rincões do país ou do mundo.

Nesta década em que mais um século e um milênio se encerram, Brasília alcança a maturidade, consolida-se como centro cultural, e entre todos os componentes que se somam para

delineá-la espiritualmente destaca-se a poesia. A poesia que está no bom poema, em cuja busca entre nós se empenha surpreendente número de homens e mulheres. E são tantos que, ao regressar do exterior, onde vivi por alguns anos, e ao retomar o projeto há pouco referido, defrontei-me com o grande - e intransponível - desafio de congregá-los em um só livro.

O organizar antologia é entregar-se a singular aventura, a um só tempo empolgante e temerária. Enriquecemo-nos em sensibilidade e conhecimento nesse mergulho fascinante, nesse doce joeirar. Há, porém, o lado das incompreensões e críticas nem sempre razoáveis. À guisa de prévia defesa, ante o tribunal dos descontentes, aqui vão algumas considerações sobre critérios de avaliação e outros aspectos da questão em tela.

Manuel Bandeira, emérito conhecedor da matéria, já discorreu sobre a impossibilidade de antologias perfeitas. Por uma razão ou por outra, existe sempre o risco de se haver com injustiça na seleção de nomes. Os lapsos são

inevitáveis. O gosto pessoal e a voz das afinidades se levantam. E - o mais determinante dos fatores - nunca há espaço para todos. (\*)

A propósito de seu trabalho, ao organizar as entrevistas de que se constituiu o excelente livro *Poets on poetry*, Howard Nemerov, então Consultor de Poesia da Biblioteca do Congresso norte-americano, aludiu à "inevitável e sempre constrangedora tarefa de escolher". E Conrad Aiken, poeta, crítico e romancista, então correspondente americano de "The Atheneum", de Londres, colaborador de "The New Yorker" e de "The London Mercury", também reportou-se a essa problemática em termos de eu subscreveria inteiramente (*in Poesia como criação*, Edições GRD, Rio, 1968, pág. 13). Walmir Ayala, o grande autor e divulgador de poesia que tanta falta nos faz, depois de haver organizado, entre outras, A novíssima poesia brasileira, I e II (editora Cadernos Brasileiros, Rio, 1962 e 1965) e *Poetas novos do Brasil* (INL/MEC, Rio, 1969), diz na introdução a *Poemas de amor* (Ediouro, Rio 1991): "Topei com alguns bloqueios, e peço que não me creditem (*sic* - empanar-se-á neste verbo alguma sutilíssima ironia?) certas ausências, provocadas muitas vezes por falta de entendimento entre antologador e poetas..."

Na triagem dos versos, não me restringi a esta ou aquela escola ou tendência literária. *Poesia de Brasília* acolhe, ao lado de poemas inquestionavelmente modernos, versos bem "tradicionais", considerando tão-somente o nível. Entendo porém, como Johannes Pfeiffer, que "a poesia é a arte que se manifesta pela palavra" (grifo meu), sobretudo pela palavra - devo atenuar, por não ser radical -, estabeleci limites. Alguém os notará. Que todos os compreendam.

O leitor logo constatará que estas páginas não vieram para ser um hino de incondicional apologia à cidade. (O que temos, em alguns casos, são plangentes vozes, de revolta e protesto.) Prevaecem declarações e cantos de amor, e por vezes arrebatados, mas não se perde o senso crítico; não se foge à dura realidade, que freqüentemente precipita os mais frágeis e indefesos rumo ao drama e até mesmo à tragédia. Por que é que se haveria de ocultar as distorções, as tantas violências contra a fisionomia e a alma da cidade concebida para ser única, justa, modelar? A ecoar - intencionalmente, talvez - as "Perguntas de um trabalhador que lê", de Bertold Brecht, Niemeyer, em cujas pranchetas se delineou Brasília, foi dos primeiros a condenar a marginalização do candango. Do operário que um dia eufórico e ufano a edificou e, logo em seguida, enxotado para as mais cruéis periferias, humilhado e perplexo a perdeu para sempre. Os brasilienses conscientes e sensíveis, ainda que em surdina ou silêncio, lamentaram-no sobre as cinzas da utopia. E, com o fluir dos anos, eleva-se - a enfatizar

*Construir pontes  
de palavras,  
... trilhos de rimas  
para levar o trem  
da poesia aos  
corações das pessoas  
sensíveis e líricas.*

esse quadro -, o tom do inconformismo e a dor dos poetas. (A poesia de Brasília, fidelidade, o reflete.) Cumpria registrá-lo para que se lhes faça justiça.

As várias presenças obrigatórias - de excelentes poetas de há muito radicados no Distrito Federal, por exemplo -, e a limitação do número de páginas a que o organizador deveria submeter-se, impossibilitaram a inclusão de autores hoje em outras cidades, que só fariam enriquecer *Poesia de Brasília*. Aproximadamente nomeá-los: Abgar Renault, Alphonsus de Guimarães Filho, Altino Caixeta, Afonso Henriques Neto, Ariel Marques, Carlos Luiz Campanella, Eudoro Augusto, Gilberto Mendonça Teles, H. Dobal, Hugo Mund Júnior, Izidoro Soler Guelman, Jair Gramacho, José Soares Jr., Luiz Fernando Nazareth, Márcio Catunda, Marly de Oliveira, Waldemar Lopes, Yone Rodrigues. E, saudoso, rememoro poetas cuja convivência muito nos honrou e que cantaram na cidade (e à cidade), em sua maioria até quando a "Indesejada das gentes" os levou, como



**Daniel  
Marques  
PP**

*Planaltinense que se preza não despreza a cultura. Como se diz no jargão, "está no sangue". Na minha cidade, desde pequeno se acostuma a respirar cultura. As diversas manifestações como a Festa do Divino, a Via Sacra e a Catira estão incorporadas ao dia-a-dia do povo desta cidade centenária e cheia de tradições. Como planaltinense, sei a importância de se preservar e incentivar as atividades culturais. Como Deputado, já iniciei trabalho visando garantir recursos e incentivos ao desenvolvimento da cultura no Distrito Federal.*



**Edimar  
Pireneus  
PP**

*Apesar de jovem, Brasília já registra um importante acervo cultural. A cidade-satélite de Brazlândia, por exemplo, é especialmente rica em música, em artesanato e nas artes plásticas. Mas não tem, ainda, um espaço próprio para fazer com que essas manifestações cresçam. Para solucionar essa questão e apoiar o desenvolvimento da cultura do DF, permitindo, ao mesmo tempo, a geração de novas formas de emprego, apresentei projeto de lei que cria a Casa da Cultura de Brazlândia, que deverá funcionar em prédio público já existente na cidade.*



## Miquéias Paz PC do B



*O I Fórum de Música do DF, promovido pelo gabinete do Deputado Miquéias Paz, com apoio logístico do governo, colaboração da iniciativa privada e a adesão de artistas, realizou-se no Espaço 508 Sul, dias 2, 3 e 4 de junho.*

*O Fórum envolveu shows de que participaram instrumentistas e cantores atuantes no DF, mostra de fotos e debates. Os painéis de debate contemplaram a inserção da produção alternativa no mercado; a ampliação do mercado de trabalho; a divulgação, a distribuição e os shows.*

## José Edmar Cordeiro PSDB



*Os estudantes do Distrito Federal, principalmente os alunos carentes, aguardam há mais de dois anos a implementação da Universidade Regional do DF.*

*As Universidades estaduais se transformaram em referência de ensino de boa qualidade. Os brasilienses, entretanto, são obrigados a deixar seus salários nas escolas particulares. Além de uma necessidade social, a Universidade Regional do DF é a garantia de qualificação da nossa mão-de-obra. Um investimento com retorno garantido.*

Anderson de Araújo Horta, Antônio Girão Barroso, Antônio Roberval Miketen, D'Almeida Vitor, Gaudêncio de Carvalho, Geraldo Costa Alves, Gustavo Bandeira de Melo, João Viana de Oliveira, Lupe Cotrim Garaude, Maria Braga Horta, Olímpades Guimarães Corrêa, Pedro Luiz Masi, Ronald Figueiredo, Wolney Milhómem, Yolanda Jordão, Zila Mamede. Que esta antologia, conquanto mais abrangente, acessível também às gerações mais novas, mereça a mesma acolhida dispensada à anterior, de 1982 - **Brasília na poesia brasileira** -, sobre a qual se pronunciaram, com grande simpatia, Nelly Novaes Coelho, João Manuel Simões, Murilo Rubião, Alphonsus Guimarães Filho, José Santiago Naud, Carlos Fernando Matias de Sousa, Artur Benevides, Luiz Otávio Sousa Carmo e outros. (Palavras de Drummond, em carta que me enviou: "Brasília foi um acontecimento de tal maneira relevante na vida brasileira, que deveria suscitar, como suscitou, o interesse e a emoção dos poetas. O livro reúne em boa hora esses versos, e, além do interesse literário, assume caráter histórico.")

Reportando-se aos integrantes da coletânea - Afonso Romano de Sant'Anna, Cassiano Ricardo, Geraldo Pinto Rodrigues, Henriqueta Lisboa, Homero Homem, João Cabral de Melo Neto, Luiz Paiva de Castro, Moacir Félix, Octávio Mora, Vinícius de Moraes, e outros desse quilate, entre os quais os brasilienses -, o escritor Moacir C. Lopes, da editora Cátedra, afirmou: "Poucas cidades do mundo tiveram o privilégio de serem cantadas por tantos e tão importantes poetas." Esta constatação deve ser enfatizada, por tratar-se de fato e por ser cada vez mais verdadeira quando a singular cidade de Juscelino Kubitschek de Oliveira, a "Capital da Esperança", chega aos trinta e cinco anos de existência.

Quanto às epígrafes inscritas nesta introdução - e que, obviamente, expressam o pensamento do antologista -, falem elas por si mesmas. Sobre a esperança que nos moveu em direção ao Oeste, a esta opção bem consciente de suas próprias implicações, de que cuidam muitos dos versos aqui reunidos. Sobre o pragmatismo referido, "dispensado" pelo bri-



*O fazer poesia é como construir  
uma escada para alcançar o  
infinito e entrar  
em comunhão com Deus*

lhante poeta e mestre mexicano - e por não poucos de nós, em muitos momentos -, em favor da poesia. Sobre o mistério e a magia que nos irmanam, sobranceiramente. Sobre o idealismo a aquecer, sempre, este "mar de almas e peitos" (Castro Alves) - apesar das sombras, a pairar com suas ameaças adubadas no egoísmo dos poderosos que turbam este fim de século. (Apesar de tudo, ainda cantamos!)

## O Organizador

**OLIVEIRA, JOANYR Ferreira DE** - nasceu em Aimorés/MG, a 6 de dezembro de 1933. Diplomado em Direito e em Teologia. Advogado, jornalista, professor (...), funcionário público. Veio para Brasília em 1960. Colab. em periódicos. Detentor de vários prêmios literários, entre os quais (*menção honrosa em*) o Prêmio Alphonsus de Guimaraens (1967), da Academia Mineira de Letras; o (*Troféu Casemiro de Abreu*) no (...) Fernando Chinaglia, I e II (1969 e 1970), (o) da Fundação Cultural do Distrito Federal (1975), o "*Pablo Neruda*", promoção da Embaixada do Chile no Brasil, Da Academia Brasiliense de Letras e da Academia Brasileira de Letras (1991), O "*Moacyr Félix*", do sindicato

dos escritores do Rio de Janeiro (1992) o "*Murilo e Araújo*" (geral) e o "*Darcy Brasil*" (soneto), do III Concurso Nacional de Poesia Atla, Três Corações, MG (1994). Organizou as antologias *Poetas de Brasília*, 1962 (o primeiro livro editado nesta Capital); *Antologia dos poetas de Brasília*, 1971; *Horas vagas*, contos, vol. 2, *Brasília na poesia brasileira*, 1962, e *Poesia de Brasília*, 1995. Fundou e dirigiu (...) revistas (...) Pert. à Associação Nacional de Escritores, (...) à Academia de Letras de Brasília, (...) à Academia Taguatinguense de Letras, ao *Sindicato dos Escritores do DF* e ao *Sindicato dos Jornalistas Profissionais do DF*. Eleito, recentemente, para a *Academia de Letras do Brasil (DF)*.

# LIMA BARRETO

## O Mártir de Uma Raça

■ Jorge Nunes

Nesta data histórica de 13 de maio, em que relembramos os 107 anos da enganadora libertação da escravatura no Brasil, lembro-me também com pesar e tristeza de Afonso Henrique de Lima Barreto, negro, pobre, nascido no Rio de Janeiro no dia e mês de assinatura da Lei Áurea, mas no ano de 1881, portanto sete anos antes da sanção da lei que aboliu a escravatura pela Princesa Izabel.

Em 1887 (um ano anterior à lei), Lima Barreto é iniciado na Escola Pública com brilho e nesse mesmo ano sofre terrivelmente com a morte de sua mãe. Concluiu os estudos superiores em 1896 e no ano seguinte ingressa na Escola Politécnica. Em 1902 é chamado para colaborar em A Lanterna, órgão oficioso da mocidade das Escolas Superiores.

Entre os anos de 1903 e 1904, seu pai enlouqueceu, mal que viria a surpreendê-lo, também, em 1914, quando fora recolhido pela primeira vez ao Hospício Nacional, talvez levado pelo excesso de trabalho intelectual, profissional, além das saudades da mãe que morrera quando ainda era menino e do pai que enlouquecera quando tentava superar os traumas sofridos na infância fortemente marcada pelos sofrimentos também de sua raça recém "libertada". Tudo isso, creio, levou-o a conduzir uma vida boêmia que tudo indicava ser uma despedida, mesmo porque pas-



sou a trabalhar em suas obras literárias com mais afinco e tenacidade.

Morreu em 1º de novembro de 1922, no Rio de Janeiro, cidade onde nascera, sendo hoje reconhecido um dos melhores escritores que o Brasil já teve. Suas obras dispensam comentários e enumerações.

Meu pesar e minha tristeza é por ter sido um verdadeiro mártir da raça negra que morreu em total pobreza apesar dos talentos reconhecidos por todos.

Quanto ao 13 de maio de 1888, a verdadeira Lei Áurea, na minha concepção só teve início na década de 30 com o advento das Leis Trabalhistas implantadas pelo Presidente Getúlio Vargas, iniciando a sua descensão a partir de 1964. Naquela época as reformas de base verdadeiras, propostas pelo então presidente João Goulart tendo a frente a agrária ou seja, a distribuição de terras com assistên-

cia total ao campo, foram confundidas com reformas comunistas. Como terminou a história todos nós sentimos na carne.

Hoje o Brasil parece ter tudo para a realização de uma reforma verdadeiramente democrática, sem medo do fantasma do comunismo para nós colocarmos o Povo e a Pátria no verdadeiro lugar que o "destino" nos reservou como coração do mundo, Pátria do Evangelho, que é a vontade de Deus. Porém, Ele não interfere no livre arbítrio dos homens.



**Cláudio Monteiro**  
PPS

*Não existe no mundo bem mais necessário e de fácil acesso do que a leitura. Ela nos proporciona uma bagagem rica de cultura e informação. Infelizmente, os nossos jovens estão perdendo este hábito e consequentemente a vontade do saber. É nosso dever incentivar e tornar acessível às novas gerações o gosto pela leitura. Assim como ocorre em outros estados, defendemos para o DF o programa de leitura de jornais em salas de aula. Vamos levar para o cotidiano escolar o universo da leitura, preparando a juventude para o exercício da cidadania.*



**Antônio José Cafu**  
PT

*Cultura é o acúmulo de conhecimento, mas é também a valorização do lado lúdico do ser humano, o investimento no prazer, a possibilidade do pleno desenvolvimento.*

*Entretanto, atuar na área cultural, ser produtor cultural no DF não é nada fácil.*

*A imagem estereotipada que nos vem a mente é de alguém com o pires na mão.*

*Bem podemos imaginar como é trabalhar com a falta de patrocínios, incentivos e até investimentos públicos.*

*Mas se nós parlamentares não nos conscientizarmos quando formos chamados a votar sobre gratuidade em eventos, faltará mais; faltará quem queira produzir esses eventos.*

*E aí, quem responderá por isto?*

**Benício  
Tavares  
PP**



*Descontinuidade administrativa e a falta de zelo com atividades consideradas menores formam uma espécie de sociedade burocrática, historicamente prejudicial à cultura. Quando homens públicos deixam de lado as divergências ideológicas e mantêm, e até ampliam, projetos iniciados em gestões passadas, cabem referências e elogios. No caso mais recente, faz-se necessário ressaltar a expansão da atividade cultural nos assentamentos, com a implantação de bibliotecas públicas como a de Santa Maria.*

**Luiz  
Estevão  
PP**



*Poderá ser votado, ainda no primeiro semestre, o projeto de lei nº 33/95, do deputado Luiz Estevão (PP), que reduz para apenas 2% a alíquota do Imposto Sobre Serviços (ISS), cobrado na realização de espetáculos públicos como bailes, shows, festivais, recitais, peças teatrais, espetáculos de dança e congêneres. A diferença da tributação incidente sobre a promoção de espetáculos públicos tem-se constituído ao longo dos anos em elemento inibidor da difusão cultural no Distrito Federal. Espetáculos produzidos em outros estados, na maioria das vezes, deixam de ser apresentados ao público local, pela elevada tributação. Os nossos produtores culturais consideram o tributo cobrado como um grande obstáculo para a divulgação do trabalho produzido.*

O Teatro experimental negro procurou denunciar as condições impostas aos africanos em séculos de escravidão



## Da Senzala Para os Palcos

*Neste ano o Teatro  
Experimental Negro completa  
50 anos de história*

O dia 8 de maio marca não apenas a vitória aliada na Segunda Grande Guerra. Também há 50 anos, outro evento acontece, este de importância local: a estréia do Teatro Experimental do Negro, grupo criado por Abdias do Nascimento e companheiros, que o conceberam "fundamentalmente como instrumento de redenção e resgate dos valores negro-africanos", como lembra Abdias em **Quilombismo**, livro de 1980.

O TEN foi fundado em 1944, mas seu primeiro espetáculo ocorreu a 8 de maio de 1945 - a única data disponível no Teatro Municipal do Rio de Janeiro -, em meio aos fogos com que se festejava o fim da Guerra Mundial. O texto era o **Imperador Jones**, de Eugene O'Neill, um dos maiores dramaturgos de língua inglesa, que dispensaria cumplicemente seus direitos autorais, colaborando com a montagem brasileira.

Brutus Jones - note o nome -, carregador de malas numa estação ferroviária, perde a inocência: aprende a roubar e matar. Comete um assassinato, foge, chega a uma ilha das Índias Ocidentais e, lá, torna-se imperador. Explora a tribo até experimentar sua revolta, que o obriga, de novo, a fugir e finalmente o conduz à morte. A peça de O'Neill recusa os moldes naturalistas e renova, com seu expressionismo, a norma teatral norte-americana de 1920. O intérprete brasileiro de Brutus Jones foi Aguinaldo Camargo.

Ator, dramaturgo, professor e ex-senador pelo PDT, Abdias do Nascimento publica, em 1961, a coletânea **Dramas para Negros e Prólogo para Brancos**, com peças de diversos autores, inclusive Lúcio Cardoso e o esquecido Rosário Fusco, encenadas pelo TEN. No Prólogo, ele propõe questões em torno da arte africana e suas filiações históricas, constatando: "Ser e viver como negro não é uma

peripécia comum no Ocidente”.

Um amigo diria de Abdias, com ênfase: “O único negro com plena, violenta, trágica consciência racial. Um negro exultante de o ser”. Para ele, não basta denunciar as condições impostas aos africanos em séculos de escravidão; é preciso recuperar os valores dispersos na diáspora.

O ator trabalhou noutras montagens, além das do TEN. Fez o papel cômico-grotesco de Jubileu de Almeida, o deputado tarado de **Perdoa-me por me Traíres**, de Nelson Rodrigues - o amigo citado acima -, peça que estréia com escândalo em 1957, no Teatro Municipal. Jubileu atinge, a certa altura, o clímax sexual recitando um ponto de Física diante de uma normalista assustada, adolescente a quem o deputado pede que lhe dê atenção e que não o interrompa: “Eu não posso ser interrompido”, implora.

O humor anárquico de Nelson chocou parte da platéia, cujo conservadorismo pode ter sido fustigado ainda pelo fato de um ator negro apresentar-se no papel do dr. Jubileu, parlamentar chamado pelos jornais de “reserva moral da Nação”.

**Premissas políticas** - “A abolição da escravatura consistiu num ato de natureza



**O negro ainda luta para romper o preconceito**

absolutamente jurídica”, escreve Abdias em **O Quilombismo**. A fraude da alforria já contava décadas. Ele explica: “Antes de 1888, os africanos livres, isto é, os doen-

## Menções Sumárias

Abdias do Nascimento pesquisa e, com apoio em autores como Roger Bastide, compreende a existência do fenômeno cênico na África centenária, ligado, na origem, às práticas rituais. Ele acentua a diferença básica entre esse teatro e o que se desenvolveria na Europa: a importância dada ao texto. A palavra para o ator africano, “é apenas um dos elementos de uma expressão global” - expressão em que ressaltam a mímica e os movimentos de dança. Acrescenta: “Esse teatro, que quase desconhece o drama escrito, brota, original e puro, de cada representação”.

O TEN levou à cena alguns textos clássicos - Othelo, de Shakespeare, foi realizado em 1946 com Abdias do Nascimento no papel do Mouro e Cacilda Becker como Desdemona. Em 1948, conjuntos diversos foram convidados a lembrar os cem anos de morte de Martins Pena. Atores do TEN participaram da montagem de *A Família e a Festa na Roça*.

Peças como *Auto da Noiva*, de Rosário Fusco, e *Aruanda* seriam escritas para o grupo. O folclorista Joaquim Ribeiro, autor de *Aruanda*, “soube transpor para o palco seus conhecimentos sobre a herança africana”, diz Cássio Emanuel Barsante em *Santa Rosa em Cena*, livro dedicado ao cenógrafo Tomás Santa Rosa, que compôs o ambiente do revolucionário *Vestido de Noiva* em

1943 e colaboraria, ainda nos anos 40, com o TEN. Barsante prossegue: “Joaquim Ribeiro soube explorar os elementos rítmicos, como o samba, no primeiro ato, a toada fúnebre do segundo ato e a dança misteriosa de coreografia selvagem no último”.

Não cabe fazer, aqui, o julgamento estético do Teatro Experimental do Negro, que conhecemos apenas - e pouco - através de textos e fotos. Cabe lembrar que artistas respeitáveis, como Ruth de Souza, Haroldo Costa, Léa Garcia, José Maria Monteiro, dele participaram. E registrar o fato de que alguns dos livros em que se conta a história do teatro brasileiro moderno se limitem a breves menções ao TEN, quando não o ignoram.

Não existem referências extensas ao grupo na historiografia mais conhecida. É possível, no entanto, encontrar nas livrarias um trabalho como *O Negro e o Teatro Brasileiro*, de Miriam Garcia Mendes. A autora dedica porção significativa de seu texto à trajetória do grupo, que viveria até 1968, embora sua fase mais produtiva tenha sido a dos cinco primeiros anos.

À volta do TEN, iriam realizar-se atividades diversas, como concursos de beleza negra. Os propósitos do grupo, de acordo com o próprio Abdias, eram mais que teatrais e visavam basicamente fortalecer a autoconfiança e a auto-estima dos brasileiros.



**Tadeu Filippelli**  
PP

*Criado no governo passado, o Pólo de Cinema e Vídeo não recebeu, até o momento, a atenção necessária considerando sua importância para a vida cultural de Brasília. Reverenciado, quando de sua criação, por importantes nomes do meio cultural nacional, o Pólo de Cinema e Vídeo sofrerá nesse governo, ao que tudo indica, a pior praga existente na nossa política que é a do descontinuidade administrativo. A reativação, portanto, da produção do Pólo de Cinema e Vídeo é uma necessidade, preeminente, de uma cidade sedenta de atividades culturais.*



**Jorge Cauhy**  
PP

*Os moradores das cidades satélites, que contam com restritas opções de lazer, teriam muito a lucrar, caso o Governo decidisse levar adiante um programa cultural dirigido especialmente às áreas mais desprovidas de salas de espetáculos. De minha parte, aqui vai a sugestão para que a Orquestra Sinfônica de Brasília, por exemplo, faça quinzenalmente uma apresentação em uma cidade satélite previamente escolhida. Acima do espetáculo de lazer, a música representa valores de elevação de um povo.*

## Lúcia Carvalho PT



*O Pacote de Obras foi anunciado pelo Governador Cristovam Buarque. Entre as obras anunciadas está a esperada reforma geral do Teatro da Praça de Taguatinga, uma antiga reivindicação dos moradores da satélite que desde a primeira legislatura, lutamos para aprová-la.*

*Também neste pacote, que envolve recursos na ordem de R\$ 83 milhões, estão previstas as reformas dos Teatros de Sobradinho e Guará.*

*Sinto-me satisfeita em representar na Câmara Legislativa um Governo que valoriza as questões culturais de nossa cidade*

## Rodrigo Rollemberg PSB



*O Projeto Orla, com o apoio da Secretaria de Turismo, prevê a construção de cinemas, teatros, anfiteatros, galerias e museus.*

*Revitalizando áreas que hoje são destinadas à cultura mas encontram-se sub-utilizadas, a exemplo da Concha Acústica e do Museu de Arte de Brasília.*

*Não bastasse esse aspecto, tem o mérito de criar, e formar platéias a partir de investimentos privados em lazer e cultura. O que permite ao Estado canalizar seus esforços e investimentos para o que dele se espera: criar empregos, fornecer saneamento, incentivar a cultura. Todo apoio ao Projeto Orla, pois ele também é cultura!*

tes, aleijados, idosos, os imprestáveis pelo esgotamento do trabalho intensivo, eram compulsoriamente **libertados**. Na prática significava que os senhores se autolibertavam de qualquer responsabilidade em fornecer-lhes alimentos, roupas e moradia e se exoneravam de qualquer tipo de ajuda aos **livres**, abandonando-os à morte lenta”.

“Seguindo idêntica lógica, a **abolição** significou o mesmo tratamento, só que agora aplicado em massa: os africanos escravos e seus descendentes, algumas centenas de milhares, se viram atirados a uma **liberdade** que lhes negava o mínimo apoio material.” estranha situação, talvez pior que a anterior: “Agora havia a prostituição da mulher negra, a criminalidade do negro, a delinquência da infância negra”.

Antes e depois da Abolição, a autoestima de africanos e descendentes sofreria, assim, ataques constantes e brutais. Tratados de maneira tão hostil, os negros tinham de reagir. E reagiram. “Fugas, furtos e crimes de cativos contra proprietários e feitores” dão oportunidade a certo discurso conciliatório - e conservador - em torno da escravidão.

A estudiosa Flora Sussekind, no artigo “As Vítimas-Algozes e o Imaginário do Medo”, que consta dos **Papéis Colados** publicados em 1993, mostra como a direita imperial também elaborou a sua retórica abolicionista - que não foi prerrogativa de liberais. Escritores como Joaquim

Manoel de Macedo, em nome do interesse patronal, demonizaram o negro, pintando-o como perigoso em sua sede natural de revanche. Macedo, nas novelas editadas sob o título de *As Vítimas Algozes*, em 1869, “constrói um perfil aterrorizante para o escravo, misto de tigre e serpente, de vítima e algoz, capaz de atacar quando menos se espera”, nota Flora. Joaquim Manoel de Macedo, preocupado com a segurança dos senhores, pede a libertação dos escravos.

O sincretismo impôs-se para driblar a repressão religiosa; a capoeira mascarou-se de dança quando foi, na origem, uma técnica de luta. Nomes como os de Zumbi ou Chico-Rei, que, pela persistência em perseguir a liberdade, comprando a alforria com seu trabalho, ou pela índole guerreira, desafiaram a Coroa portuguesa, estiveram por muito tempo riscados da História oficial - não por acaso, a que se ensina nas escolas.

Abdias e grupo compõem as suas premissas políticas com a verificação desses fatos. Não basta, porém, a mera guerrilha retórica, mas se faz necessário resgatar as tradições plásticas e musicais africanas, sem passadismo: “Ser fiel às raízes é um ponto de partida, não um retorno ao passado quietista ou à tradição petrificada”. A música, popular e erudita, e a obra de artistas plásticos - é o caso do baiano-brasiliense Rubem Valentim - fornecem exemplos excelentes de como aproveitar aquelas fontes.



**A abolição não trouxe a tão sonhada liberdade**

# Não Tenho Troco

■ Vander Batista

“- Desculpe, mas não tenho troco. Espere um pouco que já-já aparece.”

Não há coisa mais chata do que ouvir esta frase da boca de um cobrador de ônibus.

Procure imaginar, caro leitor, a aparência de alguém que acordara às 6 horas da manhã, saíra de casa sem tomar café, chegara atrasado ao trabalho e por conta disto, não almoçara. Saíra do trabalho às 18:00 hs e fora estudar. Chegara à rodoviária às 23:00 hs e esperara mais 20 minutos até que o primeiro ônibus aparecesse para levá-lo para casa. Acredito que ao menos uma vez você já tenha se deparado com alguém que vivu uma situação similar a esta, caso você mesmo não a tenha vivenciado. Acrescenta a tudo isso uma visita ao banco e uma olhada no saldo da conta corrente dias antes do pagamento mensal e você terá a perfeita descrição do personagem. Agora que você já sabe como eu estava naquele dia, continuemos.

“- Desculpe, mas não tenho troco.”

Meu rosto, até então abatido, adquiriu nova vida. Meu corpo cansado renovou-se. Meus olhos quase fechados brilharam. Intimamente reservado, eu encarava aquela figura procurando encontrar a mentira estampada em seu rosto. Ele demonstrava ser um excelente ator.

“- ... espere um pouco que já-já aparece.”

Estava cada vez mais clara a sua intenção de juntar o meu troco ao de tantos outros para

os quais ele certamente havia dito a mesma coisa. Pensei: “provavelmente ele espera que eu sente aqui ao seu lado até não mais suportar o barulho do motor, ficar irritado, ir para o fundo do ônibus e descer sem me importar com o meu dinheiro. De jeito nenhum!”

Não, eu não seria enganado. Disse-lhe que esperaria pelo troco no fundo do ônibus.

Ele disse: “- Desculpe ...” Não podia negar, o safado era educado. Foi a primeira vez que alguém me pediu desculpas antes de dizer que não iria devolver algo que me pertence.

Por trás das minhas lentes fotocromáticas, que não permitiam a outros verem meus olhos diretamente, eu avaliava cada movimento desse ser sempre na boca do povo - o cobrador.

Sessenta passageiros, já existiam oito esperando troco. O “coitado” do cobrador (não sei por que cargas d’água alguns o chama de trocador, afinal ele nunca tem troco) já estava embolsando o valor de duas passagens.

Alguém pagou com trocados. Uma senhora de idade ergueu-se rapidamente, seguida por outras três. Estavam garantidas. Não teriam suas programações de gasto do mês quebradas por um sujeitinho metido a esperto. Sentei-me novamente. Desta vez mais consolado, já não éramos oito.

Por um momento ele pareceu ler meus pensamentos e disfarçou, olhando para o outro lado. Senti-me renovado, quase vitorioso. Ele cederia em pouco tempo.

Passei a admirar contente as estrelas entre os enormes eucaliptos que ladeiam a pista do Park Way. Muitos vagalumes brincavam revelando-se e ocultando-se em um esconde-esconde infantil.

O ônibus passou sobre algo e fui subitamente erguido ao ar. Olhei pela janela assustado, era um quebra-molas... Estava no Gama... minha parada!

Como o ônibus parara, desci rapidamente. Respirei profundamente o ar do novo dia, procurando acordar de verdade. Sorri ao avistar a lua cheia. Tão clara, mais parecia uma moeda... Esqueci meu troco!

Comecei a andar já conformado. Parei, olhei para os lados... parada errada.

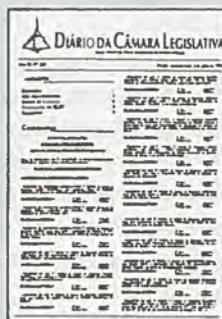
Creio que ouvi alguém sorrir.



Vander Batista é escritor e mora em Brasília

# DCL

**Diário da  
Câmara  
Legislativa do  
Distrito  
Federal**



**Exercício  
de cidadania  
é ler o jornal  
que,  
diariamente,  
publica  
as leis.**

Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal editado sob a responsabilidade da Coordenadoria de Editoração e Produção Gráfica da Vice-Presidência

SAIN - Parque Rural Norte  
70.086.900 - Brasília-DF

## A história das leis

A partir deste número o DF-Leis irá mostrar como funciona a Câmara Legislativa do Distrito Federal. Como as leis são elaboradas e quais as leis que já vigem no Distrito Federal regulando a vida da nossa população.

A cada número iremos trazer informações precisas sobre a nossa Casa Legislativa. Você sabe qual foi a primeira lei aprovada pela Câmara Legislativa do Distrito Federal? Qual a primeira proposição de origem parlamentar transformada em lei pelos deputados distritais?

Para responder a estas e outras perguntas, o DF-Leis vai contar em capítulos a "História das leis", que nós chamamos de "Cultura das Leis", porque representam os anseios e os desejos da nossa população, traduzidos em projetos de leis propostos pelos deputados distritais eleitos soberanamente pelo povo através do voto direto e secreto.

# A Casa d

*Na primeira Legislatura da Câmara Legislativa do Distrito Federal foram empossados no dia primeiro de janeiro de 1991 os primeiros deputados distritais eleitos pela população de Brasília. Como a Casa não tinha ainda um Regimento Interno, o que prevaleceu foi o Regimento do Senado Federal.*

*Por este Regimento os trabalhos legislativos só se dariam a partir de 15 de fevereiro daquele ano. Desta forma, os deputados eram empossados e entravam em recesso parlamentar imediatamente. Mas o volume de problemas de infra-estrutura era tão grande que os primeiros deputados distritais abriram mão do recesso, arregaçaram as mangas e se puseram logo aos trabalhos.*

*Enquanto os integrantes da primeira Mesa procuravam dar as condições mínimas para o funcionamento administrativo da Casa, outros iniciavam a elaboração do Regimento Interno para regulamentar as sessões e a tramitação das proposições, principalmente dos Projetos de lei. Com a aprovação do primeiro Regimento Interno os trabalhos legislativos desta Casa passaram a ser a partir do dia 1º de fevereiro com a realização de sessões ordinárias.*

*Portanto, quando a Câmara iniciou seus trabalhos foi grande o número de proposições apresentadas pelos primeiros deputados distritais, mas naquele início nenhum projeto tinha condições técnicas de ir a Plenário. Somente os Projetos enviados pelo Executivo local, isto é, pelo Governador, tinham condições de ser votados.*

*Assim, a primeira lei aprovada pela Câmara Legislativa foi encaminhada pelo Executivo. Trata-se do Projeto de Lei 035/91 que "Cria cargos de Professor da carreira Magistério Público do Distrito Federal, do Quadro de Pessoal da Fundação Educacional do Distrito Federal e dá outras providências". O Projeto de Lei aprovado foi enviado para o Palácio do Buriti e foi sancionado em 8 de fevereiro de 1991, passando a ser a Lei nº 143/91. Esta foi a primeira Lei aprovada pela Câmara Legislativa, mas originária do Executivo. A partir daí várias outras leis foram sancionadas, também, de origem do Executivo.*



A população do Distrito Federal vai

### As primei

A Câmara Legislativa do Distrito Federal, hoje em sua segunda Legislatura, já deu origem a quase 900 leis. Portanto, a Casa já consolidou o seu papel legislador junto à população do Distrito Federal. Neste número do DF-Leis vamos conhecer as primeiras quatro leis aprovadas nesta Casa propostas por parlamentares. O nosso critério de escolha foi unicamente do ponto de vista histórico, resgatando esses fatos da história do nosso Legislativo, com objetivo educativo-pedagógico, como é a preocupação norteadora deste espaço dentro do DF-Letras.

### AIDS e Drogas

O Projeto de Lei nº 067/91 de autoria do deputado distrital Peniel Pacheco foi a primeira Lei sancionada de um parlamentar. A proposta se transformou na Lei nº 147/91 e dispõe sobre a obrigatoriedade do ensino sobre as drogas entorpecentes e psicotrópicos e sobre a AIDS ou SIDA a nível do 1º e 2º graus de ensino e nos cursos de formação de professores.

# do Povo



*...vai em busca de seus direitos na Câmara*

## Como se aprova uma lei

Uma lei pode ser proposta pelos deputados distritais eleitos pelo povo, pela iniciativa popular, pelo Poder Executivo ou pelo Tribunal de Contas do Distrito Federal. Tramitando na Casa nas Comissões Permanentes, após os respectivos pareceres, o Projeto de Lei vai a Plenário para votação. Depois de votado em primeiro e segundo turnos, a redação final vai à sanção do Governador.

Se no prazo de 15 dias úteis a Lei não for sancionada, o Presidente da Câmara Legislativa tem o poder de promulgá-la. Caso ela seja vetada pelo governador, a Lei retorna à Câmara Legislativa e o veto é submetido ao plenário. Se alcançar 13 votos, o veto é derrubado e a Câmara Legislativa promulga a Lei.

É assim que as leis podem ser aprovadas. Só depois de muito estudo, debates e discussões é que elas passam a vigorar e orientar a vida dos cidadãos.

## neiras leis de parlamentares

ito Fe-  
latura,  
ortan-  
pel le-  
distrito  
eis va-  
ro leis  
ot par-  
solha  
histó-  
stória  
ivo di-  
ocupa-  
to do

Em sua justificativa o parlamentar considera que o abuso no uso de drogas e o alastramento da AIDS, principalmente no seio da juventude, são preocupações sérias dos meios sanitários do mundo inteiro. Segundo Peniel, recentemente pesquisadores de uma escola de Medicina de São Paulo, fizeram uma pesquisa entre jovens das maiores capitais brasileiras, perguntado-lhes qual a maior ameaça à sua geração. Ocupou o 1º lugar com cerca de 37% das respostas, o desemprego; mas, em segundo lugar, com 27% veio o abuso de drogas. O mesmo pode-se dizer com relação à AIDS. Esses dois fenômenos representam o maior problema sanitário nesta última década do século XX.

### Mandela

A segunda Lei sancionada e proposta por parlamentar recebeu o número 156/91 e foi originada pelo Projeto de Lei nº 145/91 de autoria do deputado distrital Geraldo Magela, que concede o título de cidadão honorário de

Brasília, ao líder Sul-africano Nelson Mandela.

Hoje, presidente da África do Sul, Nelson Mandela é um símbolo vivo da resistência e da luta de um povo por seus direitos. Antes do fim do regime do "apartheid", instituído na África do Sul, pela minoria branca e racista, Nelson Mandela foi preso, condenado à morte e depois teve a sentença convertida em prisão perpétua. Nelson Mandela simboliza a ânsia libertária dos negros sul-africanos.

### Cultura

A terceira Lei aprovada cria instrumentos de apoio e incentivo à arte e à cultura no Distrito Federal. Ela recebeu o número 158/91 e teve origem no Projeto de Lei nº 083/91 de autoria dos deputados distritais Geraldo Magela e Maurílio Silva.

Segundo os parlamentares que apresentaram a proposta, Brasília representa uma síntese das manifestações culturais do Brasil e, por isso mesmo, está inserida no contexto nacional como um

pólo de irradiação cultural. A redução dos incentivos na área da cultura, tem estrangulado a produção e diminuído a capacidade dos artistas e produtores de apresentar novas alternativas de trabalho.

### Tempo de Serviço

O deputado distrital Salviano Guimarães foi autor da quarta Lei aprovada pela Câmara Legislativa do DF. A Lei nº 165/91, originada do Projeto de Lei nº 102/91, autoriza o Governo do Distrito Federal a contar para todos os efeitos o tempo de serviço prestado ao Magistério da União, dos Estados e dos Municípios e dá outras providências.

Para Salviano Guimarães, o Plano de Carreira da Fundação Educacional do Distrito Federal prevê a averbação do tempo de serviço prestado à União, aos Estados e Municípios. Entretanto, a averbação desse tempo de serviço só beneficiava parte de seus servidores. A intenção do autor da Lei foi garantir esses direitos a todos os servidores da Fundação Educacional do DF.

# O velho tabu do suicídio e da Eutanásia



■ Ezio Flavio Bazzo

Como as estações do ano, como as tormentas e os furacões, os temas «eutanásia» e «suicídio» vão e voltam, aparecem e desaparecem, tomam por uns momentos lugar no cotidiano da sociedade e depois se recolhem misteriosamente para a mais secreta intimidade de cada um, fazendo de cada homem um mistério, uma voluptuosa incógnita, uma paixão bloqueada.

O caso do tetraplégico de Campinas, que luta inutilmente para conquistar o direito de morrer, é o mais recente, o mais caótico e o mais cainho de todos, e coloca novamente em cena o paradoxo de uma civilização que, ao mesmo tempo que empurra prematuramente milhares de pessoas para a morte, não permite que um homem, na situação trágica de Fernando Bressane, salte para fora da vida por livre e espontânea vontade.

Essa negativa, em parte teatral e em parte sádica, serve para evidenciar o quanto o Estado com seus advogados, a Igreja com seus pastores e a sociedade com seus deputados, ainda têm poder e controle sobre a intimidade dos indivíduos e que, por incrível que pareça, ainda vivemos numa civilização onde o Código Penal, a Bíblia e a Constituição levam em si mais «argumentos», mais «razões» e mais «verdades» sobre uma pessoa agonizante

e, inclusive, sobre seu sofrimento, do que ela própria. As «sábias» e «sagradas» bulas que regem a vida e a morte dos indivíduos preconizam que é mais «humano» manter «viva» uma vida desumanizada do que possibilitar ao sujeito a chance de humanizar-se na morte, no suicídio, na desconstrução de si-mesmo, com todo o peso, a dor e o duelo que uma decisão dessa natureza implica.

E a história está repleta de casos como o de Bressane, de pessoas que, implorando para que as deixem morrer, recebem impotentes, como resposta, um Não esotérico, um riso «bonachão» ou um silêncio

*Tentem, se puderem, deter um homem que viaja com o seu suicídio na lapela*

Jacques Rigaut

de horror. Ao invés da eutanásia ou dos meios para matar-se, o doente tem que contentar-se e conviver com a leitura de um Versículo, de um artigo da Constituição ou dos pensamentos de Pascal. Só quem te deu a vida pode tirá-la de ti! -murmuram uns. A vida é o direito supremo de todo cidadão! cacarejam outros. E numa suspeita manifestação de crueldade, os juízes, os doutores e os padres conservam o paciente dias, meses e anos em estado de coma, inerte, como uma alface desidratada sobre a cama, como um condenado algemado à existência que deve expiar lenta e terrivelmente a carga de um destino que não sabe sequer explicar e de pecados que nem sequer tem consciência de ter praticado. Todos os segmentos da sociedade o querem vivo, um esqueleto imóvel com os olhos cravados no teto e as mãos crispadas sobre uma cruz ou sobre um amuleto. Que transgressão cometeu esse indivíduo para nascer? Que crime para ser obrigado a existir? Não resta dúvidas de que sua dor como sua sorte carece de motivos (Cioran)<sup>1</sup>.

E diante dessa ignomínia, volta-se a indagar: o que é, afinal, que mantém travado o cérebro da civilização a esse respeito? Por que a pretensa erudição, a pretensa evolução e o modernismo tecnológico parecem não ter servido para nada neste particular? Por que a morte, tanto a dos outros como a nossa, ainda interfere nos conceitos e nos preconceitos que secularmente vão

se alicerçando no coração de todos os povos e de todas as culturas? Por que a morte (e em especial a eutanásia) continua sendo o tabu dos tabus, o lugar onde nem o olhar e nem as palavras conseguem chegar? E quando, afinal, se dará o passo definitivo, aquele passo que nos converterá em autênticos desconfiados, tanto com o chamado «instinto de preservação» como com seus mais ferrenhos pregoeiros?

Por mais que se escamoteie esse vício encobridor da cultura, a verdade é que cada dia mais floresce e predomina nas sociedades modernas a tal pedagogia do avestruz, a lógica do faz-de-conta e a filosofia do fingimento e que por todos os lados vemos e ouvimos apenas discursos de um «otimismo infame», de uma «esperança ignóbil» e de uma fé reativa no futuro, onde desde o porteiro de um prédio até os professores de moral, os prefeitos, os burocratas e os empresários, todos parecem sentir-se obrigados a pregar o «amor» e o apego à vida, sem admitir jamais que alguém, pela razão que for, prefira ou precise renunciar a ela. E é justamente essa ditadura do otimismo e essa impostura de felicidade que tem fomentado a hipocrisia, os alicerces de uma existência meramente representativa e de uma liberdade apenas de fachada, que se revela, quase sempre, pior que a ditadura do pessimismo, do baixo astral e do tédio.

Entretanto, por mais eficazes que sejam os disfarces, esta claro e evidentemente que nenhuma sociedade que proíbe o suicídio e que impossibilita a eutanásia pode se dizer democrática e que nenhum indivíduo que não disponha naturalmente destas duas alternativas, bem como dos meios aprazíveis para, sem sofrimento, colocá-las em prática, pode-se dizer cidadão livre. Mas

claro, ninguém ignora que isto vem de longe. Asiáticos, gregos e romanos apesar de sempre se relacionarem com estas questões de maneira ambivalente, nunca deixaram de estabelecer uma maior ou menor interdição sobre o suicida<sup>2</sup>, e sobre aquele que facilitava ou praticava a eutanásia. Se por um lado, no Evangelho de São João (X,18), Cristo

teria dito: {Ninguém me tira a vida, eu a tiro de mim mesmo}, por outro lado, alguns séculos depois Santo Agostinho iria considerar o suicídio como uma perversão detestável e demoníaca. Se Cain foi o primeiro assassino, Judas, foi um dos mais folclóricos personagens a abrir caminho para o auto-aniquilamento. “Aqueles que “se desfazem da vida” usurpam as funções justiceiras da igreja e do Estado e devem ser tratados como discípulos de Judas”<sup>3</sup>.

– Eticamente é um problema facilitar a morte de um moribundo! Afirmam os bacharéis da OAB.

– Humanisticamente é intolerável tirar a vida de si mesmo ou de outro ser humano, seja qual for o seu estado de inconsciência! Pregam os porta-vozes da CNBB.

– Clinicamente o indivíduo ainda está vivo! Sentenciam os discípulos de Hipócrates.

– Esperamos com paciência por um milagre! Confessam pateticamente os familiares do doente.

Enquanto isto, o sujeito em questão está lá, em coma ou não, tetraplégico ou não, submetido à influência moralista de uma sociedade, no mínimo incoerente, pois que vem assistindo um genocídio universal a décadas, sem sequer perder uma noite de sono; de uma sociedade que admite, sem abalar-se, que a polícia mate um homem indefeso diante das câmeras, que 20% de suas crianças morram antes da adolescência, que os presidiários se trucidem no interior de presídios e que velhos morram de fome e cansaço nas filas do INSS, etc. Sim, estranhamente é esta sociedade catatônica e indiferente que não consegue sequer pensar na idéia de deixar morrer ou de facilitar a morte de um homem tetraplégico que, embora vislumbrando nela sua única saída, está fisicamente impossibilitado de concretizar o ato.





O que vemos por de trás desse bloqueio social, é que -como observa Jaccard e Thévoz em seu "Manifesto por uma morte suave"<sup>4</sup>- o suicídio não é visto pelo *establishment* apenas como uma contestação, mas também, e principalmente, como um pecado, um ato que, como tal, está circunscrito à esfera da religião e da metafísica. Se é em nome do Estado e da ética que se recusa a possibilidade de «institucionalizar»<sup>5</sup> a eutanásia e o suicídio, o é muito mais em nome de Deus. Portanto, por maior que seja nosso espanto, por ora temos que admitir que o monopólio da vida e o controle do tempo está fora de nos-

so alcance, pertence a outro ser cuja existência não vai além dos frágeis e curiosos limites da fé. E como duvidar? A experiência e a história tornou-nos a todos convictos de que -como escreve Cioran-, são numerosos os que se dispõem a venerar qualquer ídolo e a servir a qualquer verdade, sempre que uma e outras sejam *inflingidas* que não os obrigue a *elegêr* entre sua vergonha ou seu desastre<sup>6</sup>.

-“Dentro de dez mil anos as pes-

soas verão no suicídio a única forma de morrer”, afirma a seus alunos, no Japão, o professor Soseki.

-“Não, o direito fundamental de morrer voluntariamente e sem sofrimento deve ser conquistado antes do fim do século”, retrucam os pensadores franceses.

Mais irônico, mas mais objetivo, Jacques Rigaut<sup>7</sup> já havia previsto e proposto, em seu tempo, as famosas agências-suicidárias, onde os interessados poderiam matar-se através dos meios mais variados, segundo as preferências e o poder aquisitivo de cada um.

Enfim, sem deixar que assunto tão difícil e tão paralisante seja entendido como uma ironia, seria pertinente que a tão falada Reforma Constitucional, ao invés de tratar apenas de questões econômicas, de assuntos viciados que quase não dizem respeito às pessoas-em-si, tratasse desta questão, com lucidez, coragem e respeito.

Que se crie as condições necessárias para que cada pessoa, independente de seus anseios e de suas razões, disponha livremente de sua vida, e para que só ela possa decidir, sempre que for de sua conveniência, «quando», «onde» e «como» colocará fim a uma existência que, para ela, se tornou indesejável. Pois, apesar de tudo e de todos, apesar das tendências poderosas da correnteza, não dá mais para seguir negando que na sombra da Tentação de Existir, existe sempre, com a mesma volúpia e potência, a Tentação de Desistir.

Ezio Flavio é psicólogo e mora em Brasília.

## Notas do autor

<sup>1</sup> Cioran, E. M. Breviário de podredumbre, Taurus, p. 46. Madrid, 1997

<sup>2</sup> Praticamente em todas as regiões e épocas, o corpo do suicida era desprezado, não tinha direito aos rituais mortuários *normais*, nem a túmulo, nem a lágrimas. Seus bens eram confiscados, a família discriminada etc e o suicídio, em si, considerado como um homicídio de si-mesmo e portanto, digno das mesmas penalidades.

<sup>3</sup> Guillon, C e Le Bonniec, Yves. Suicídio, modo de usar. EMW Editores, p. 64, São Paulo, 1984

<sup>4</sup> Ver Jaccard, R. e Thévoz, M. Manifeste pour une mort douce, Grasser &

Pasquelle, Paris, 1992

<sup>5</sup> Evidentemente, o uso da palavra *institucionalizar* está colocado de forma inadequada, pois se assim fosse, o Estado continuaria na condição de gerente da vida e da morte dos indivíduos. O que se propugna é a discriminação do suicídio e da eutanásia, bem como o acesso aos meios científicos e práticos para sua execução, meios estes, no presente, confinado nas mãos dos médicos e das ditas autoridades.

<sup>6</sup> Cioran, E. M. La tentacion de existir, Taurus, p. 35, Madrid, 1979

<sup>7</sup> Cravan/Rigaut/Vache, Artigona, Lisboa, 1980

# Notícia de Televisão

■ Jacinto Guerra

Hoje à tarde, frente à rampa do Congresso Nacional, ocorreu um fato inusitado. Protegidos do sol e do sereno pelas duas bacias do Niemeyer, os senhores deputados e senadores discutiam e votavam as matérias do maior interesse nacional. Enquanto isto, lá fora acontece o inesperado.

O perigo surgiu de repente. Cidadãos que se dirigiam ao Senado e à Câmara dos Deputados foram vítimas de ataques aéreos rápidos e fulminantes. Não se trata de ficção: vi com os meus próprios olhos, na televisão. Parecia um ataque planejado. Muita gente entra em pânico. Gritos. Correrias. A televisão filmou tudo. Uma beleza de reportagem.

A mais ilustre vítima desse ataque de seres alados foi Sua Excelência o deputado Roberto Freire, líder do governo, ex-candidato à Presidência da República e um dos parlamentares de maior prestígio em Pernambuco e no país inteiro.

A confusão foi tanta que algumas

peças chegaram a imaginar coisas tipo invasão de extraterrestres. Não era nada disto. Outras, muito assustadas, lembraram-se do filme *Os Pássaros*, do cineasta inglês Alfred Hitchcock, um clássico do suspense que amedrontou milhões de pessoas no mundo inteiro.

Mas vamos ao que realmente aconteceu em Brasília, porque as câmeras de televisão filmaram tudo, para bem informar os brasileiros do Oiapoque ao Chuí. Foi o seguinte: um bando de passarinhos começou a fazer vôos rasantes atacando as pessoas, sem mais nem menos. Cada um se defendia a seu modo. Uma senhora fez um escudo com a sombrinha aberta e ficou zanzando feito barata tonta. Um sujeito correu tanto que atravessou uma porta de vidro da Câmara dos Deputados. Felizmente não se machucou muito e foi atendido no Hospital de Base. Outro cidadão, de

terno e gravata, saiu rastejando no gramado como se estivesse em exercício de guerra. Uma passeata de trabalhadores desorganizou-se por causa dos ataques aéreos. Com razão. Olha que bicada de passarinho não é brincadeira! O sujeito pode até ficar cego. Foi uma loucura!

Mas, como Deus é brasileiro, apareceu um salvador da Pátria. Um funcionário público chamado Francisco de Assis enfrentou a situação e, calmamente, chegou ao canteiro central dos jardins do Congresso, de lá resgatando um filhote de passarinho preso no meio dos espinhos de coroa de Cristo. Como São Francisco de Assis, ele cuidou de levar o passarinho para o prazer de voar e de brincar.

Depois o caso foi esclarecido pela Polícia Federal: para proteger o filho, dona Passarinha foi ao ataque, com apoio do marido e de seus companheiros e correligionários.

Dezembro de 1992



# O Lago é Meu Irmão

RUI FAQUINI



## ■ Laudo Braga

**A**li respira-se os ventos soprados do Atlântico cujo odor de maresia mistura-se ao cheiro fétido dos dejetos humanos - urina, merda, suores e lixo - que escorregam morro abaixo pelas frestas das pedras e pelos sulcos das pequenas cavernas das encostas.

Já houve quem dissesse que o melhor ar que se respira na "Cidade Maravilhosa" é o ar dos morros. O "ar de montanha". Ah! cronista e poeta contumaz!

Naquele quadro de miséria, não deixa de ser singular morar a duzentos metros da Avenida Copacabana e, de lá de cima, como criança, espreitar o lusco-fusco das luzes coloridas que cintilam durante a noite. A ilusão de que me encontro perto do sonho.

Aqui, à beira do lago, respira-se os ventos do Planalto: um vento cálido e puro que se movimenta a partir de algures, lá longe, vem farfalhando a folhagem da vegetação e bate no meu peito misturado ao odor das águas do

lago: às vezes com cheiro de contrastes.

Mas o lago é meu irmão. Complemento a minha refeição diária com caráse "cearenses" que meu pai os captura à tardinha.

O poeta, sonhador contumaz que afirmou respirar-se, nos morros, o "ar de montanha", haverá de dizer, também, que, aqui, respira-se o ar da Criméia.

Aqui, como láno morro, eu também vislumbro o sonho.

Do outro lado do lago rebrilham, à noitinha, os lusco-fuscos das luzes das mansões lacustres, plantadas em desalinho, silhuetas as quais se desenhavam minhas quimeras. E indagações: somos do mesmo gênero?

Do meu barraco de tábua o espaço



*Aqui, à beira do Lago,  
respira-se os ventos  
do Planalto:  
um vento cálido e puro...*

que me separa do sonho é igual à distância desta borda para a outra, distância que é pouco para medir a minha miséria. E na qual não cabe o tamanho da desigualdade social.

No outro lado, ergue-se a Casa da Dinda; a Mansão do Falcão e etc., e deste lado, o meu barraco fedorento e peixe frito. Eu tenho o meu status não sou montanhês, mas sou lacustre.

Alguém igualmente já disse que, no mangue, o

mem como o caranguejo e o caranguejo como o homem, numa estranha troca de interesses em que os homens e os crustáceos se igualam...

Aqui, o cará não chega a comer o homem porque o lago não é meu sepulcro. O lago é meu irmão.

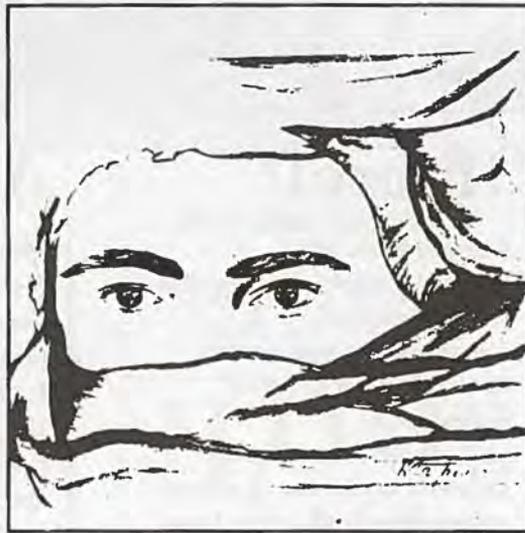
## Para Ouvir o Silêncio

contra o silêncio não luto:\_  
sou poeta em estado bruto...  
me nasceram c/ poder de morrer  
... Esta vida me cansa  
não tenho direito à esperança  
para entender o prazer...  
a poesia e os mortos de amor  
estou ouvindo o silêncio...  
\_não insista  
todo discurso é fascista.

Ézio Pires  
Brasília-DF  
(Publicado no livro Ibirapitanga)

um poeta como Nicolas Behr  
Brasília não verá tão cedo.  
radical, profundo, se entregando  
em cada linha, se expondo como  
nenhum outro até hoje se expôs.  
tipo Rimbaud.  
seremos lembrados no futuro.  
wagner hermuche, turiba, bené  
fontelles, odeth ernest, João  
antonio, maura baiocchi, eliana  
carneiro, cassia eller, hugo rodas,  
reza, las casas, maravalhas, aluisio  
batata, pereira, neio lucio, cassiano  
nunes, tt catalão, athos bulcão,  
fernando villar, vitor alegria, ivan  
silva, toninho maya, galeno,  
romulo andrade, regina ramalho,  
francisco alvim, chico chaves,  
renato russo, clodo, climério e  
clésio, renato mattos, chagal,  
paulinho andrade.

Nicolas Behr  
Brasília-DF  
(Publicado livro  
Porque Construí Brasília)



## (Des)Limites

O figo  
nada tem de fruto  
sendo inflorescência  
é flor  
(que se resguarda)  
e madura  
aguarda  
a vinda  
de dedos  
para desnudar  
em si  
a cor púrpura  
de inundar os olhos  
e (re)velar  
alvéolos  
de faltar  
nos lábios  
o mel natural  
da paixão mais íntima

Lúcia Serra  
Belo Horizonte-MG  
(Incluída no Saco II,  
In/Sacando a Poesia)

## Largar

sumir  
deixar de existir  
sair  
se consumir  
mentir  
para não cair  
vir  
e se omitir  
lembrar  
não deixar de amar  
levar  
para embalar  
lar  
para acordar  
deixar  
ou me buscar  
enlouquecer  
difícil é esquecer  
viver  
questão é merecer  
ver  
e deixar ser  
perder  
sem nunca ter  
sem nunca existir  
mentir  
e deixar viver  
e ver  
para não cair  
sair  
difícil é merecer  
esquecer  
a questão é enlouquecer  
e perder  
não deixar de buscar  
o lar  
para embalar  
e lembrar  
se consumir  
omitir  
e se vir  
sumir  
ou me deixar  
ou levar  
para acordar  
e deixar  
de amar

Carol (pseudônimo)  
Brasília-DF

## Pé no Chão & Cabeça no Céu

Estrelinhas do céu  
desçam aqui na minha mão  
e acariciem o meu coração de leão  
Estrelinhas do céu  
pousem aqui no meu chapéu  
e falem do amor  
bem pra lá do prazer  
de ser  
o outro lado da dor  
Estrelinhas estrelinhas  
não vos tenho mas sois minhas  
Estrelinhas estrelinhas  
o céu é o meu chapéu

Menezes y Moraes  
Brasília-DF  
(Publicado no livro Ibirapitanga)

# P o e s i a s



## Um poema de amor e de circunstâncias

Enquanto você dorme escrevo versos para você,  
Porque a noite é fria, venta no mundo inteiro,  
poeiras e estrelas se arrebatam com escândalos  
e a lua nova no céu é um cutelo amolado,  
promessa de sangue, perfume, loucuras.

Ah, mi madre, si, é só uma lua nova,  
Lilith com roupa nova e este maldito lampião engasgado  
que não sei por que engasga, se até daqui poucos dias, era um lampião simpático.

Você acordou. Disse coisas incompreensíveis.  
Quer fazer xixi no pinico. Pinico não tem.  
Voltou a dormir.  
A lua enrosca-se na alta madrugada e na garrafa desta vodka sueca excelente.  
Eu nos amo.

Paulo Bertran  
Brasília-DF

## !Libre!!

Este cansancio mío.  
Tan mío y quieto como los años  
que nó volvieron.  
Cansancio de desencuentros,  
de amores fugaces que se escondieron  
en el esbozo de una sonrisa.  
Quizás el tiempo me va sellando  
va doblegando mis ansias locas,  
mueca marcada que fué sonrisa.  
Lágrima herida ya derramada.  
!Pájaro ardiente de Libertades!!

Atoño/1991  
Diana De Nagle  
Buenos Aires-Argentina

## Hamletiana

Viver ou não viver:  
assaz sina.  
Vida assassina.

Ronaldo Cagiano  
Brasília-DF

## A Bomba

Mas como dói  
A dor da bomba  
Como destrói  
como corrói  
E até zomba  
Dos seus heróis  
E criadores  
Que também morrerão  
Sentirão as mesmas dores.  
Que ilusão  
Atomicamente boba,  
A bomba.

Antônio Medrado  
São Paulo-SP

## Miragens

Eu tenho estranho ser dentro de mim  
Que tenta me extinguir na tentação  
E quer a minha queda, quer meu fim,  
E o meu refúgio é apenas a oração.

No entanto, às vezes sinto-me tão frágil,  
Tão sem vigor e inseguro, tão  
Desamparado e sem apanágio,  
Que me sinto tomado de aflição.

Ó Ser esdrúxulo, ó Titã soez,  
Por que não me deixas a sós de vez  
Com minhas lutas seculares, santas

Em direção aos páramos da paz?  
Mas o meu Ser, que sem resposta jaz.  
Vaga em viragens por miragens tantas.

Jorge Leite de Oliveira  
Brasília-DF

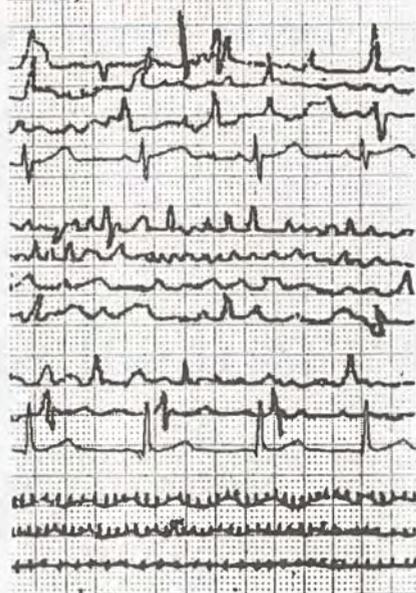
Poemas

## v · i · s · u · a · i · s



**Philadelpho Menezes**  
São Paulo-SP

05:36:52pm Thu  
HR: 94 BPM



Scale: 25mm/sec 10mm/mv

SONETO EM CORAÇÃO DILACERADO

**Rubervan**  
**Du**  
**Nascimento**  
Teresina-PI

(Os poemas visuais publicados nesta edição foram selecionados do livro *Saciedade dos Poetas Vivos*, vol V, seleção de texto de Urhacy Faustino Leila Miccolis)

**Ricardo Alfaya**  
&  
**Amelinda Alves**  
Rio de Janeiro-RJ

**H<sub>2</sub>O MEM**  
**ÁGUA**  
**É**  
**VIDA**  
**NÃO POLUA!**

**Herbert Lago**  
Brasília-DF

**ATENÇÃO**  
poema na estrada



mail  
art

**Rendição em massa**



**Hugo Pontes**  
Poços de Caldas-MG

# Primeiros Passos

## Os Girassóis de Van Gogh

### Melodia das mães

Mãe a senhora é formosa  
mais que a linda flor de rosa  
ou da flor do ipê.

Tu és minha querida, que  
representa toda a minha vida  
tudo isso é você, é como uma  
paisagem verde, é a água que  
mata minha sede, minha fonte  
de prazer porque desde minha  
infância, você é minha  
esperança é todo o meu ser.

Você é a flor do jardim.  
Mãe! lembre de mim!  
Não esquecerei de você.  
Esta homenagem te ofereço de  
todo coração neste dia te dou a  
melodia em forma de canção,  
te dar um presente eu queria,  
porém faço poesia com toda  
gratidão. Aqui vai pra todas as  
mães; as ricas, as pobres e à  
mãe Santa Divina, às mães  
velhas, as mães moças e as  
mães meninas.  
Esta é minha melodia em  
forma de poesia.

Noe Martins Melo  
Samambaia-DF



Sônia M. C. Paiva

Girem girassóis amarelos  
Turvando a terra e o sol  
Girem pátria de flores  
Girem mundo de cores.

Cresçam devagar sem pressa  
Para não serem apupados  
Se crescerem hoje tão rápidos  
Amanhã nascerão tombados.

Girem na ela das naturezas  
Vultuosas e transcendentais  
Diante da mãe verde vós sois sublimes  
Perfeitos e fundamentais.

Ergam ao ocaso vermelho  
Feito o sangue que corre em minhas veias  
Feito o fogo ardente que incendeias  
A imensidão das chamas que clareiam  
O céu desta grande Pátria.

Andreson S. de França  
Brazlândia-DF

### Lembranças do meu cantar

AI QUE SAUDADE EU TENHO  
QUE VOLTO A LEMBRAR  
NO INTERIOR QUE EU VIVIA  
NAQUELE MESMO LUGAR

CANTO A MEU CARO LEITOR  
COMO FOI A MINHA VIDA  
SAÍIA PELO MATO FALANDO  
CANTANDO ASSIM, DE DIA

ESTE É O MEU CONFORTO  
JÁ ERA ACOSTUMADO  
AMANSANDO ANIMAIS  
ME DISTRAIA DEMAIS

CANTAVA COM MUTTO AMOR  
PARA ESPANTAR A SOLIDÃO  
VINHA CADA PENSAMENTO  
VIVIA DO MEU CORAÇÃO

DIZIA CANTO PORQUE GOSTO  
PORQUE ERA MEU LAR  
TENHO SAUDADE DAQUELE  
TEMPO  
SAUDADE DE MEU CANTAR

ME FAZ MAGOAR  
MACHUCA MEU CORAÇÃO  
POR TER SAÍDO DO LAR  
DAS TERRAS DO MEU SERTÃO

AGORA SÓ LEMBRANÇA  
QUE ME VEM APERTAR  
ME LEMBRO A TODA HORA  
DE SAUDADE VOLTO A CHORAR

Francisco Brito de Assunção  
Gama-DF

## Poesia forte como é a vida das pessoas



O poeta Valdir de Aquino Ximenes acabou de lançar mais um livro intitulado "A Solidão da Carne" editado pela André Quicé Editor, em uma edição de qualidade e acabamento apurados.

Escritor duma poesia forte, na qual estão presentes tanto a vertente social quanto lírica, Valdir trata de temas diversos como o amor, as injustiças sociais, a nostalgia da terra natal e até mesmo a reflexão da própria poesia. Sobre o autor escreveu Danilo Gomes: "Valdir de Aquino Ximenes volta



com outros temas, novas sensações e experiências, todavia mantendo a particular, intrínseca e admirável força de sua palavra de homem e de artista. Não apenas mantendo: ele vai refinando, com o passar do tempo, a sua técnica poemática, a sua sensibilidade criadora ante

o impacto das dores do mundo - a injustiça, a fome, a solidão, a melancolia, o ofício profissional da medicina social."

Médico pediatra, Valdir de Aquino Ximenes reside em Brasília há vários anos. Poeta desde os dezesseis anos, publicou em jornais e antologias. Em 1993 lançou seu primeiro livro: "O Homem Submerso". Pertence ao Sindicato dos Escritores do DF e à Associação Nacional de Escritores.

Atenção especial foi dada à qualidade gráfica da obra, uma edição de luxo, feita com capa cartonada e sobrecapa em papel vergé. As ilustrações de Hamilton Gondim são impressas em papel artesanal e o projeto gráfico é do arquiteto e designer Mário Viggiano.

# LANÇAMENTOS



Falar do poeta Heitor Humberto de Andrade é para mim um ato solar. Vejo-o só atravessado de multidão, a percorrer o infinito batido de ventos e aberto, pelas enormes extensões do Planalto Central.

O autor conjuga risco e oportunidade, e é exatamente aí que a melhor palavra capaz de qualificar este livro será a palavra arcano. Não em vão Heitor baralha com poesia o jogo e as cartas.

José Santiago Naud



Silveira Santos é poeta, cronista e contista de Brasília, Filiado ao Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, Silveira também escreve livros infantis, sendo que o seu terceiro livro nesta linha foi publicado recentemente sob o título "Brincando de Fazer-Conta".

Neste livro Brincando de Ser Poeta, o autor vai compondo um mosaico literário, ora em forma de poesia ora em pequenos contos, ou talvez pequenas prosas poéticas, falando do amor e do romantismo tão distantes de nossas vidas, hoje, pela correria destes novos tempos informáticos/cibernéticos.



O jornalista e escritor Cyl Gallindo, neste seu oitavo livro, intitulado "Quanto Pesa a Alma de um Homem - Quanto Pesa a Alma de uma Mulher", tanto em um título quanto no outro, faz uma tentativa em desvendar o que une e o que separa, em todos os tempos, o homem e a mulher.

Um tema universal e por isso mesmo muito difícil e impenetrável. As vezes insondável. A dificuldade reside em reconhecer através da alma o que une e desune homens e mulheres nas paixões, amores, ódios e uma gama imensa de sentimentos escondidos nos labirintos da vivência humana



## Senhor Editor,

Agradeço por este jornal ter publicado periodicamente minhas modestas colaborações. Desejo vê-las sempre nas páginas deste DF-Letras. Segue ainda mais colaborações literárias em prosa.

Antecipadamente grato.

Simão de Miranda  
Brasília-DF

## Da Editoria II

Acusamos o recebimento da publicação literária NOZARTE, informativo cultural editado pelos batalhadores Ricardo Alfaya e Amelinda Alves, no Rio de Janeiro.

Nozarte nos dá conta neste seu nº 1 que Ronaldo Cagiano e Anand Rao, ambos daqui de Brasília, resolveram também partir para a edição de um Informativo Cultural, feito com ajuda de computação gráfica. No número de estréia, poemas de Anand Rao, Cristina Bastos e Abgar Renault, além de diversas notícias sobre alternativos e eventos culturais. O endereço da publicação é Caixa Postal 8551, Brasília-DF CEP 70.874-020.

Agradecemos ainda ao nosso colaborador Ronaldo Cagiano o envio do nosso DF-Letras para o Ricardo Alfaya.

## Senhor Editor,

Parabenizo o excelente DF-Letras, Suplemento Cultural da Câmara Legislativa do Distrito Federal, em estilo tablóide com 32 páginas, quatro delas dedicadas à poesia. No número de março passado, poemas de Anibal Albuquerque, Silas Corrêa Leite, Wilson Pereira, Joanyr de Oliveira, Eunice Arruda, J. Cardias, Eliane Vaidya e Flávio Boa Ventura, além de muitos outros, estão presentes.

Agradecemos ao DF-Letras pela publicação do poema Curta-Metragem,

bem como pela transcrição na íntegra de nossa correspondência na seção cartas.

Ricardo Alfaya  
Rio de Janeiro-RJ

## Senhor Editor,

Através do boletim literário paulista "D.O. Leitura" tomei conhecimento de vossso endereço e muito me interessou o fato da Câmara Legislativa editar uma revista. Falo do DF-Letras.

Como fazer para recebê-la?

Poderiam, a título de cortesia, enviar-me um exemplar? Por favor escrevam-me dizendo preço e forma de pagamento caso a revista seja comercializada. Agradeço desde já a atenção dispensada e desejo força e longevidade para a revista e para todos que colaboram para a existência da mesma.

Grato.  
Alexandre A. Pereira  
Santo André-SP

### Nota da Editoria

André o seu nome será incluído na nossa lista de assinantes. Em breve você estará recebendo o DF-Letras gratuitamente.

## Senhor Editor,

Alô, DF-Letras!!!

Gostaria de obter uma assinatura deste jornal. Também gostaria que me fossem enviados alguns números antigos, pois não conheço a publicação.

Se for possível fazer a divulgação, poderia fornecer muitos assinantes. É só vocês dizerem que sim. Por enquanto é só.

Agradeço.  
Ane S. Walsh  
Cambuquira-MG

"Sugiro a criação de um concurso literário e a abertura de um espaço para a publicação de poemas de poetas iniciantes"

Doumerval Fontes  
São Vicente-SP

"A linha seguida está ótima e os assuntos abordados dentro de uma didática esclarecedora e informativa"

Marlene Tavares  
Indaiatuba-SP

"Poderia ser feita uma mudança no jornal, no sentido de tornar a diagramação mais leve, inserindo mais cores e ilustrações"

Ana Cristina C. Pimenta  
Brasília-DF

**"O Suplemento  
DF-Letras  
está ótimo.  
Parabéns."**

*Senador Artur da Távola  
Senado Federal-Brasília-DF*

**"Quero parabenizar  
pelo excelente  
jornal,  
que abre espaço  
para os escritores  
de Brasília."**

*Roberto Campos da R.  
de Miranda  
Brasília-DF*

**"Que bom que o  
DF-Letras voltou  
com força total.  
Já estava com  
saudades.  
Espero que esse  
arauto da  
cultura tenha  
uma existência  
eterna."**

*Zacarias Martins  
Gurupi-TO*



## Da Editoria I

Agradecemos ao editor-geral do jornal Opus Cultural, Zeca Domingos Silva, o envio do exemplar nº 09 da referida publicação e parabenizamos pelas mudanças corajosas introduzidas. Nós, daqui do DF-Letras, estamos torcendo para o sucesso do Opus Jornal nesta nova fase dando continuidade a nossa luta em prol da cultura nacional.

### Senhor Editor,

Paz e saúde. Chegou-me o nº 14 do DF-Letras, esta ampla asa de luz que se estende, cobrindo de irradiações literárias e de cultura, milhões de leitores e dessa forma, enaltecendo sobremaneira a Egrégia Casa de Leis e notadamente seus pares, de Brasília.

Agradeço a publicação de meu poema Brasília, lamentando que a palavra Paranoá, tenha saído como Paraná (9º verso). Coisas de revisão, cavacos do ofício de quem, como eu, tanto lidou com o problema.

Sinceramente grato,

**Miguel Jorge Maltz**  
Brasília-DF

### Senhor Editor,

Sou professora de história da Fundação Educacional do Distrito Federal, trabalho na Escola Classe 12 de Planaltina, onde esta semana tomei conhecimento do DF-Letras, e fiquei interessada em ser também uma assinante.

Admiradora das Letras, tenho composto algumas poesias e gostaria de saber quais são as possibilidades do DF-Letras vir a expor algumas à comunidade, o que seria motivo de grande orgulho para mim.

Aguardo ansiosa por uma resposta,

## Cartas

*Câmara Legislativa do Distrito Federal  
SAIN Parque Rural  
CEP: 70.086-900 - Brasília-DF*

e desde já agradeço.

**Débora Raquel Gontijo**  
Formosa-GO

### Nota da Editoria

Débora, o seu nome será incluído na nossa lista de assinantes. Para publicarmos as suas poesias basta que você nos encaminhe o material no endereço constante do nosso Expediente.

### Senhor Editor,

Estimados poetas e amigos, estou organizando o Livro Coletânea de Poesias nº 2, da Del' Secchi Edições Literárias. Solicito-os publicar meu convite aos poetas de todo o Brasil a participar deste livro coletânea nº 2. Cada página custa R\$ 50,00 e em torno de 10 exemplares da obra pronta do autor.

Cada página cabe um poema de até 30 linhas incluindo espaços em branco entre os versos, mais 30 palavras contendo informações curriculares com nome e endereço do autor.

Peço a gentileza de me enviar o jornal DF-Letras, sempre e também ofereço divulgá-lo em meu jornal Del' Secchi Informativo Cultural.

A importância de R\$ 50,00 pela participação em nossa coletânea pode ser enviada através de cheque nominal cruzado para meu endereço embaixo desta.

Envio desejando sucesso e felicidades a todos e meus agradecimentos acompanhado com meu abraço,

**Roberto de Castro Del' Secchi**  
Caixa Postal, nº 88.118  
Engenheiro Paulo de Frontin  
CEP 26.650-970

### Sr Editor,

A União Brasileira de Escritores, Seção Goiás, após tomar conhecimento do DF-Letras, parabeniza os editores e solicita sua assinatura.

**Ubirajara Galli**  
Presidente UBE-GO

# LETRONHAS



## Zuléka

a formiga sapeca & seus amigos

ERA UMA VEZ UMA FORMIGA CHAMADA ZULÉKA, QUE VIVIA COM SUA FAMÍLIA NOS JARDINS DE UMA ESCOLA. MUITO INTELIGENTE E ESPERTA, APRENDEU A LER OUVINDO AS AULAS NA ESCOLA



UM DIA, DURANTE UMA TEMPESTADE, UM ENORME PÉ DE VENTO CARREGOU ZULÉKA PARA LONGE DE SUA CASA.



DESMAIADA, ZULÉKA FOI ACORDADA POR UM LAGARTO CHAMADO HARPO.



ORA! VOCÊ ESTÁ NO MEU JARDIM, NA CÂMARA LEGISLATIVA!



CÂMARA LEGISLATIVA? O QUE É ISSO?



AH! VOCÊ NÃO SABE? É O LUGAR ONDE SE FAZEM AS LEIS!



DAS LEIS DO DISTRITO FEDERAL, ONDE A GENTE VIVE. VOCÊ NÃO SABE O QUE É LEI?



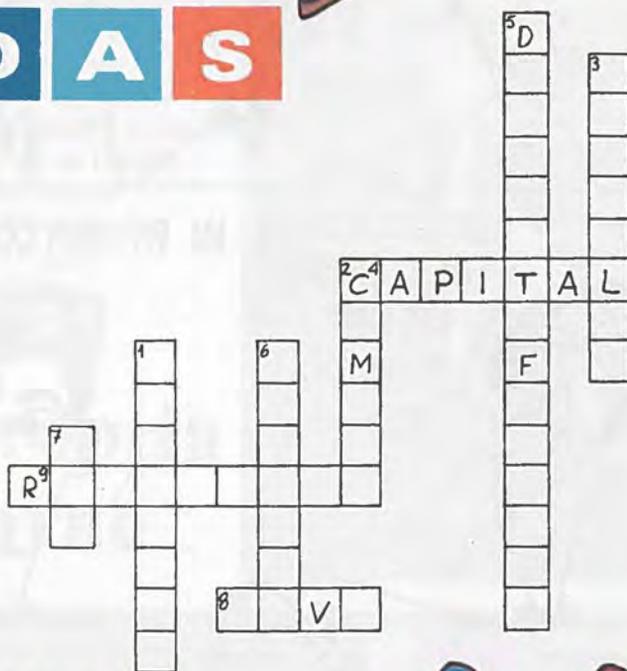
ENTÃO, VÊ. AQUI É ONDE OS DEPUTADOS, ELEITOS PELO POVO DE BRASÍLIA, FAZEM AS LEIS DO DISTRITO FEDERAL!





# CRUZADAS

- 1 - Membro eleito de Assembléia Legislativa.
- 2 - Local onde se reúne o corpo legislativo para deliberar.
- 3 - Capital do Brasil.
- 4 - Cidade que aloja a administração de um País ou Estado.
- 5 - Território onde se estabelece a sede do Governo Central de um País.
- 6 - Escolha por meio de votos.
- 7 - Norma elaborada e votada pelo Poder Legislativo.
- 8 - Os habitantes de uma mesma localidade ou Região.
- 9 - Sistema de Governo em que vários indivíduos eleitos pelo povo exercem o poder por tempo determinado.



# PINTE LEGAL



# CARTOON



# AGENOR, O FIEL SERVIDOR

BY PERRONE

**C**ERTO DIA, NA FILA DE UM CINEMA DA CIDADE...

SABE, EU TAMBÉM SOU LOUCO POR CINEMA



SIMPLESMENTE  
EU NÃO  
RESISTO...

ME DÁ UMA COISA POR DENTRO

EU TENHO  
QUE VIR!...

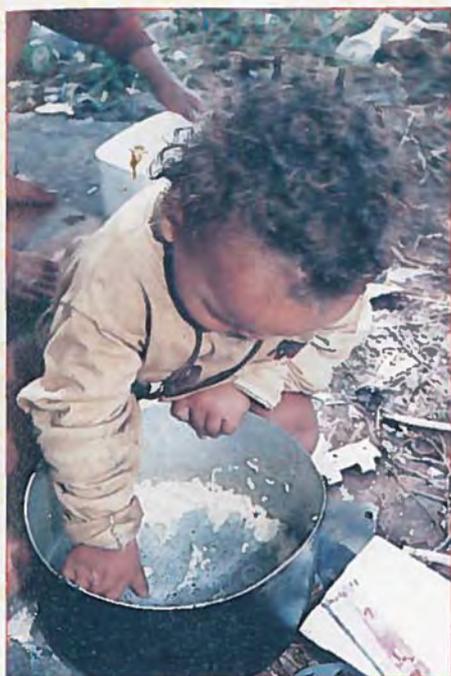


OOOPS!!!

FILME DE HOJE  
MATOU  
O TRABALHO  
E FOI AO  
CINEMA

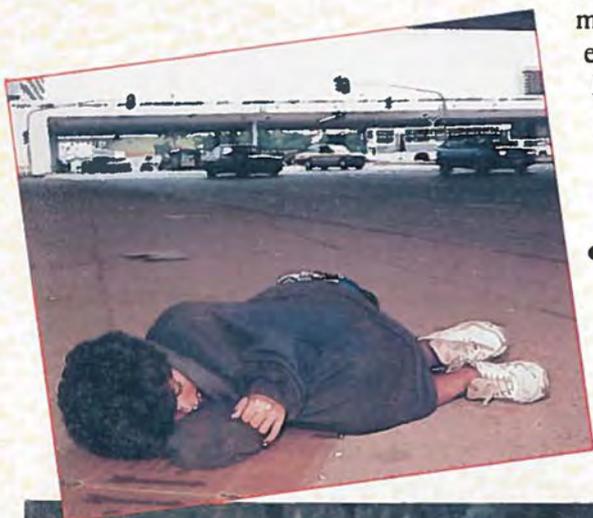


# Aos Pixotes da vida...



**... que imitam a arte...**

João Wesley é repórter fotográfico há mais de 10 anos em Brasília. Durante os últimos cinco anos ele tem se dedicado a registrar a miséria e abandono dos meninos e meninas de rua no Distrito Federal. A sua mostra percorreu vários espaços culturais da cidade



**... na  
própria  
carne**





**"Só a teimosia e a crença de que o cinema é importante para o homem justifica a nossa atividade".**

*Vladimir de Carvalho*



**"Pra mim cinema é paixão"**

*Da Mata*



*WAZO*

